



GLÓRIA DOS TRAIADORES

AS CRÓNICAS DE GELO E FOGO - VOL 6



GEORGE
R.R.
MARTIN

- tradução de Jorge Candeias -

DAENERYS

Os seus batedores dothraki tinham-lhe dito como era, mas Dany queria ver por si mesma. Sor Jorah Mormont atravessou com ela, a cavalo, uma floresta de vidoeiros e subiu uma íngreme crista de arenito.

— Estamos suficientemente próximos — avisou-a ao chegar ao topo.

Dany refreou a égua e olhou por sobre os campos, para o local onde a hoste de Yunkai se atravessava no seu caminho. O Barba-Branca tinha andado a ensinar-lhe a melhor forma de estimar os números de um inimigo.

— Cinco mil — disse passado um momento.

— Diria que sim. — Sor Jorah apontou. — Aqueles nos flancos são mercenários. Lanceiros e arqueiros a cavalo, com espadas e machados para o trabalho de proximidade. Os Segundos Filhos na ala esquerda, os Corvos Tormentosos na direita. Cerca de quinhentos homens cada. Vedes os estandartes?

A harpia de Yunkai agarrava com as garras um chicote e uma coleira de ferro em vez de uma corrente. Mas os mercenários hasteavam os seus próprios estandartes por baixo dos da cidade que serviam: do lado direito quatro corvos entre relâmpagos cruzados, do esquerdo, uma espada quebrada.

— São os próprios yunkaitas que constituem o centro — fez notar Dany. À distância, os seus oficiais eram indistinguíveis dos de Astapor; elmos altos e brilhantes e mantos revestidos de cintilantes discos de cobre. — Os soldados que lideram são escravos?

— Em grande medida. Mas não se igualam aos Imaculados. Yunkai é conhecida por treinar escravos de cama, não soldados.

— Que achais? Podemos derrotar este exército?

— Facilmente — disse Sor Jorah.

— Mas não sem sangue. — Grande quantidade de sangue empapara os tijolos de Astapor quando a cidade caíra, embora pouco dele lhe pertencesse ou aos seus. — Podemos ganhar aqui uma batalha, mas a um tal custo que não conseguimos tomar a cidade.

— Esse é sempre um risco, *Khaleesi*. Astapor estava complacente e vulnerável. Yunkai está prevenida.

Dany reflectiu. A hoste dos escravagistas parecia pequena comparada com a sua, mas os mercenários estavam montados. Viajara demasiado tem-

po com os dothraki para não ter um saudável respeito por aquilo que guerreiros a cavalo podiam fazer à infantaria. *Os Imaculados poderiam aguentar a carga deles, mas os meus libertados seriam massacrados.*

— Os escravagistas gostam de falar — disse. — Enviei uma mensagem dizendo que os receberei esta noite na minha tenda. E convidai também os comandantes das companhias mercenárias para uma visita. Mas não juntos. Os Corvos Tormentosos ao meio-dia, e os Segundos Filhos duas horas mais tarde.

— Às vossas ordens — disse Sor Jorah. — Mas se não vierem...

— Virão. Terão curiosidade de ver os dragões e de ouvir o que eu tenho para dizer, e os que forem inteligentes verão aí uma oportunidade para avaliar as minhas forças. — Fez a égua prateada dar meia-volta. — Esperá-los-ei no meu pavilhão.

Céus de um azul carregado e ventos fortes acompanharam Dany de volta à sua hoste. O profundo fosso que iria rodear o acampamento já estava meio cavado, e a floresta encontrava-se cheia de Imaculados que cortavam ramos de videeiro para afiar e transformar em estacas. Os eunucos não conseguiam dormir num acampamento que não estivesse fortificado, ou pelo menos isso era o que Verme Cinzento insistia em dizer. Ele lá se encontrava, a vigiar o trabalho. Dany parou um momento para conversar com o eunuco.

— Yunkai preparou-se para a batalha.

— Isso é bom, Vossa Graça. Os Imaculados têm sede de sangue.

Quando ordenara aos Imaculados para seleccionarem oficiais de entre as suas fileiras, Verme Cinzento fora o escolhido da esmagadora maioria para o posto mais elevado. Dany colocara Sor Jorah acima dele a fim de o treinar para o comando, e o cavaleiro exilado dizia que até agora o jovem eunuco era duro mas justo, rápido a aprender, incansável e totalmente inflexível na sua atenção ao detalhe.

— Os Sábios Mestres reuniram um exército de escravos para nos defrontar.

— Um escravo em Yunkai aprende a natureza dos sete suspiros e as dezasseis posições do prazer, Vossa Graça. Os Imaculados aprendem a natureza das três lanças. O vosso Verme Cinzento espera mostrar-vos.

Uma das primeiras coisas que Dany fizera após a queda de Astapor fora abolir o costume de dar aos Imaculados novos nomes de escravo todos os dias. A maioria daqueles que tinham nascido livres regressaram aos nomes com que nasceram; pelo menos os que ainda se lembravam deles. Outros tinham adoptado os nomes de heróis ou deuses, e por vezes armas, pedras preciosas e até flores, o que resultou em soldados com nomes muito

peculiares aos ouvidos de Dany. Verme Cinzento permanecera Verme Cinzento. Quando lhe perguntara porquê, ele dissera:

— É um nome de sorte. O nome com que este nasceu estava amaldiçoado. Era o nome que ele tinha quando foi escravizado. Mas Verme Cinzento foi o nome que lhe calhou no dia em que Daenerys Filha da Tormenta o libertou.

— Se houver uma batalha, que Verme Cinzento mostre sabedoria além de valor — disse-lhe Dany. — Poupa qualquer escravo que fuja ou que deite fora a sua arma. Quanto menos forem mortos, mais ficam para se nos juntarem depois.

— Este lembrar-se-á.

— Eu sei que sim. Vem à minha tenda ao meio-dia. Quero-te lá com os outros oficiais quando tratar com os capitães mercenários. — Dany esporeou a sua prata e dirigiu-se ao acampamento.

Dentro do perímetro que os Imaculados tinham estabelecido, as tendas estavam a ser erguidas em fileiras ordenadas, com o seu grande pavilhão dourado no centro. Um segundo acampamento erguia-se logo depois do seu; cinco vezes maior, irregular e caótico, este segundo acampamento não tinha fossos, não tinha tendas, não tinha sentinelas, não tinha fileiras de cavalos. Aqueles que possuíam cavalos ou mulas dormiam ao lado dos animais, por temerem que lhos roubassem. Cabras, ovelhas e cães meio famintos vagueavam livremente entre hordas de mulheres, crianças e velhos. Dany deixara Astapor nas mãos de um conselho de antigos escravos liderado por um curandeiro, um erudito e um sacerdote. Todos homens sensatos, pensava, e justos. Mas mesmo assim, dezenas de milhares tinham preferido segui-la para Yunkai em vez de permanecerem em Astapor. *Dei-lhes a cidade e a maioria estava demasiado assustada para a aceitar.*

A hoste variegada dos libertados fazia a sua parecer pequena, mas eles eram mais um fardo do que uma vantagem. Talvez um em cem possuísse um burro, um camelo ou um boi; a maior parte trazia armas, obtidas pela pilhagem do armeiro de algum dos negociantes de escravos, mas só um em dez era suficientemente forte para lutar, e nenhum se encontrava treinado. Por onde passavam, deixavam a terra nua, como gafanhotos de sandálias. Mas Dany não se conseguia convencer a abandoná-los, como Sor Jorah e os seus companheiros de sangue sugeriam. *Disse-lhes que eram livres. Não posso dizer-lhes agora que não são livres de se juntarem a mim.* Olhou para o fumo que se erguia das suas fogueiras e engoliu um suspiro. Podia ter os melhores soldados de infantaria do mundo, mas também tinha os piores.

Arstan Barba-Branca encontrava-se em pé à porta da sua tenda, enquanto Belwas, o Forte, se sentava de pernas cruzadas nas ervas, ali perto, comendo uma tigela de figos. Durante a marcha, o dever de a guardar caía

sobre os ombros daqueles dois. Fizera de Jhogo, Aggo e Rakharo seus *kos* além de companheiros de sangue, e agora precisava mais deles para comandar os dothraki do que para proteger a sua pessoa. O *khalasar* era minúsculo, trinta e poucos guerreiros a cavalo, a maior parte dos quais rapazes sem tranças e velhos corcovados. Mas eram toda a cavalaria que possuía, e não se atrevia a passar sem eles. Os Imaculados podiam ser a melhor infantaria do mundo inteiro, como Sor Jorah dizia, mas precisava também de batedores e guardas avançados.

— Yunkai quer a guerra — disse Dany ao Barba-Branca dentro do pavilhão. Irri e Jhiqui tinham coberto o chão com tapetes, e Missandei acendera um pau de incenso para adoçar o ar poeirento. Drogon e Rhaegal dormiam em cima de um montinho de almofadas, enrolados um no outro, mas Viserion encontrava-se empoleirado na borda da sua banheira vazia. — Missandei, que língua falam estes yunkaitas? Valiriano?

— Sim, Vossa Graça — disse a rapariga. — Um dialecto diferente do de Astapor, mas suficientemente próximo para ser entendido. Os escravagistas chamam a si próprios Sábios Mestres.

— Sábios? — Dany sentou-se de pernas cruzadas numa almofada, e Viserion abriu as suas asas brancas e douradas e esvoaçou para junto dela. — Veremos quão sábios são — disse enquanto coçava a cabeça escamosa do dragão atrás dos cornos.

Sor Jorah Mormont regressou uma hora mais tarde, acompanhado por três capitães dos Corvos Tormentosos. Os mercenários usavam penas negras nos seus elmos polidos, e diziam ser todos iguais em honra e autoridade. Dany estudou-os enquanto Irri e Jhiqui serviam o vinho. Prendahl na Ghezn era um *ghiscari* atarracado com uma cara larga e cabelo escuro que começava a encanecer; Sallor, o Calvo, tinha uma retorcida cicatriz na sua cara clara de *qarteno*; e Daario Naharis era extravagante até mesmo para um *tyroshi*. Tinha a barba cortada na forma de uma forquilha de três dentes e pintada de azul, da mesma cor dos olhos e do cabelo encaracolado que lhe caía sobre o colarinho. Os bigodes pontiagudos estavam pintados de dourado. A roupa era toda em tons de amarelo; uma nuvem de renda de Myr da cor de manteiga jorrava do colarinho e das mangas, o gibão era decorado com medalhões de latão com a forma de dentes de leão, arabescos ornamentais em ouro subiam-lhe até às coxas pelos canos das botas altas de couro. Luvas de suave camurça amarela estavam enfiadas num cinto de anéis dourados, e tinha as unhas pintadas de azul.

Mas foi Prendahl na Ghezn quem falou pelos mercenários.

— Faríeis bem em levar daqui a vossa gentilha — disse. — Tomastes Astapor à traição, mas Yunkai não cairá com tanta facilidade.

— Quinhentos dos vossos Corvos Tormentosos contra dez mil dos

meus Imaculados — disse Dany. — Sou só uma rapariguinha, e não compreendo as coisas da guerra, mas essas hipóteses não me parecem boas.

— Os Corvos Tormentosos não resistirão sozinhos — disse Prendahl.

— Corvos tormentosos não resistem de todo. Fogem ao primeiro sinal de trovões. Talvez devêsseis fugir agora. Ouvi dizer que mercenários são notoriamente pouco confiáveis. De que vos valerá a dedicação quando os Segundos Filhos se passarem para o nosso lado?

— Isso não acontecerá — insistiu Prendahl, inabalável. — E, se acontecesse, não importaria. Os Segundos Filhos não são nada. Lutamos ao lado dos valentes homens de Yunkai.

— Lutais ao lado de rapazes de cama armados com lanças. — Quando virou a cabeça, as campainhas gémeas que trazia na trança tiniram com suavidade. — Que não tenhais ideias de pedir quartel depois de a batalha começar. Mas se vos juntardes agora a mim, o ouro que os yunkaitas vos pagaram será vosso, e podereis além disso obter uma parte do saque, com grandes recompensas para mais tarde, quando eu controlar o meu reino. Se lutardes pelos Sábios Mestres, o vosso salário será a morte. Imaginais porventura que Yunkai abrirá os portões quando os meus Imaculados estiverem a massacrar-vos à sombra das muralhas?

— Mulher, zurras como um burro, e não fazes mais sentido do que ele.

— *Mulher?* — Dany soltou um risinho. — Isso pretende insultar-me? Devolveria a provocação se te julgasse um homem. — Dany enfrentou o olhar do mercenário. — Sou Daenerys Filha da Tormenta da Casa Targaryen, a Não-Queimada, Mãe de Dragões, *Khaleesi* dos cavaleiros de Drogo e Rainha dos Sete Reinos de Westeros.

— O que tu és — disse Prendahl na Ghezn — é uma puta de um senhor dos cavalos. Quando te vencermos, dar-te-ei ao meu ganhão para que te cubra.

Belwas, o Forte, puxou pelo *arakh*.

— Belwas, o Forte, dá a feia língua dele à pequena rainha, se ela quiser.

— Não, Belwas. Dei a estes homens salvo-conduto. — Sorriu. — Diz-me o seguinte: os Corvos Tormentosos são escravos ou homens livres?

— Somos uma irmandade de homens livres — declarou Sallor.

— Ótimo. — Dany pôs-se em pé. — Nesse caso regressa e conta aos teus irmãos o que te disse. Pode ser que alguns deles prefiram alimentar-se de ouro e glória do que de morte. Quererá a vossa resposta de manhã.

Os capitães dos Corvos Tormentosos ergueram-se em simultâneo.

— A nossa resposta é não — disse Prendahl na Ghezn. Os companheiros seguiram-no para fora da tenda... mas Daario Naharis deitou um relance para trás ao sair e inclinou a cabeça numa despedida educada.

Duas horas mais tarde o comandante dos Segundos Filhos chegou só. Revelou-se um bravosiano muito alto com olhos verdes-claros e uma espessa barba vermelha e dourada que quase lhe chegava ao cinto. O seu nome era Mero, mas chamava a si próprio o Bastardo do Titã.

Mero emborcou imediatamente o vinho, limpou a boca com as costas da mão e olhou de esguelha para Dany.

— Acho que fodi a tua irmã gémea numa casa do prazer lá na terra. Ou eras tu?

— Penso que não. Lembrar-me-ia de um homem de tal magnificência, sem dúvida.

— Sim, é verdade. Nunca nenhuma mulher alguma vez esqueceu o Bastardo do Titã. — O bravosiano estendeu a taça para Jhiqui. — Que achas de tirares essa roupa e te vires sentar ao meu colo? Se me deres prazer, posso trazer os Segundos Filhos para o teu lado.

— Se trouxeres os Segundos Filhos para o meu lado, posso não te mandar capar.

O grandalhão soltou uma gargalhada.

— Rapariguinha, houve outra mulher, uma vez, que tentou capar-me com os dentes. Agora não tem dentes, mas a minha espada é tão longa e grossa como sempre foi. Queres que a tire para fora e a mostre?

— Não há necessidade. Depois de os meus eunucos a cortarem, posso examiná-la quando bem entender. — Dany bebeu um gole de vinho. — É verdade que sou só uma rapariguinha, e não conheço as coisas da guerra. Explica-me como pretendes derrotar dez mil Imaculados com os teus quinhentos homens. Inocente como sou, as tuas hipóteses parecem-me fracas.

— Os Segundos Filhos enfrentaram piores hipóteses e ganharam.

— Os Segundos Filhos enfrentaram piores hipóteses e fugiram. Em Qohor, quando os Três Mil defenderam a sua posição. Ou será que o negas?

— Isso foi há muitos anos e mais ainda, antes de os Segundos Filhos serem liderados pelo Bastardo do Titã.

— Então é em ti que eles arranjam coragem? — Dany virou-se para Sor Jorah. — Quando a batalha começar, matai este primeiro.

O cavaleiro exilado sorriu.

— De bom grado, Vossa Graça.

— Claro — disse a Mero —, podíeis voltar a fugir. Não vos impediremos. Pegai no vosso ouro de Yunkai e parti.

— Se já tivesses visto o Titã de Bravos, rapariga tonta, saberias que não tem rabo para meter entre as pernas.

— Então fica, e luta por mim.

— É verdade que valeria a pena lutar por ti — disse o bravosiano — e eu de bom grado te deixaria beijar-me a espada, se fosse livre. Mas aceitei as moedas de Yunkai e dei a minha palavra sagrada.

— Moedas podem ser devolvidas — disse ela. — Eu pagar-te-ei o mesmo, e mais ainda. Tenho outras cidades a conquistar e um reino inteiro à minha espera a meio mundo de distância. Serve-me fielmente, e os Segundos Filhos não precisarão de voltar a procurar contratos.

O bravosiano afagou a sua espessa barba vermelha.

— O mesmo e mais ainda, e talvez um beijo para rematar, hã? Ou mais do que um beijo? Para um homem tão magnífico como eu?

— Talvez.

— Vou gostar do sabor da tua língua, parece-me.

Dany sentia a ira de Sor Jorah. *O meu urso negro não gosta desta conversa sobre beijos.*

— Pensa esta noite no que te disse. Posso ter a tua resposta de manhã?

— Podes. — O Bastardo do Titã fez um sorriso. — Posso levar um jarro deste belo vinho aos meus capitães?

— Podes levar um tonel. Vem das caves dos Bons Mestres de Astapor, e tenho carroças cheias dele.

— Então dá-me uma carroça. Um sinal da tua amizade.

— Tens uma grande sede.

— Todo eu sou grande. E tenho muitos irmãos. O Bastardo do Titã não bebe sozinho, *Khaleesi*.

— Seja então uma carroça, se prometeres beber à minha saúde.

— Feito! — trovejou o homem. — E feito, e feito! Far-te-ei três brindes, e trarei uma resposta quando o Sol nascer.

Mas quando Mero saiu, Arstan Barba-Branca disse:

— Aquele tem má reputação, até em Westeros. Não vos deixes iludir pelas suas maneiras, Vossa Graça. Ele fará três brindes à vossa saúde esta noite, e amanhã violar-vos-á.

— O velho tem razão, por uma vez — disse Sor Jorah. — Os Segundos Filhos são uma companhia antiga, que não é desprovida de valor, mas sob a liderança de Mero tornaram-se quase tão maus como os Bravos Companheiros. O homem é tão perigoso para quem o emprega como para os seus inimigos. É por isso que o encontráreis ali. Já nenhuma das Cidades Livres o contrata.

— Não é a sua reputação que eu quero, são os seus quinhentos homens a cavalo. E os Corvos Tormentosos, há aí alguma esperança?

— Não — disse Sor Jorah sem rodeios. — Aquele Prendahl é de sangue ghiscari. É provável que tivesse família em Astapor.

— Pena. Bem, talvez não necessitemos de lutar. Esperemos para ouvir o que os yukaitas têm a dizer.

Os enviados de Yunkai chegaram ao pôr-do-sol; cinquenta homens montados em magníficos cavalos negros e um num grande camelo branco. Os seus elmos eram duas vezes mais altos do que as cabeças, para não esmagarem as bizarras torções, torres e silhuetas do cabelo que tinham por baixo. Tingiam as saias e túnicas de linho de um amarelo-vivo, e cosiam discos de cobre aos mantos.

O homem do camelo branco apresentou-se como Grazdan mo Eraz. Esguio e duro, possuía um sorriso branco semelhante ao que Kraznis ostentara até Drogon lhe queimar a cara. O cabelo estava repuxado para o alto num corno de unicórnio que se lhe projectava da testa, e o *tokar* era debruado de renda de Myr dourada.

— Antiga e gloriosa é Yunkai, a rainha das cidades — disse quando Dany lhe deu as boas-vindas à sua tenda. — As nossas muralhas são fortes, os nossos nobres orgulhosos e ferozes, o nosso povo desprovido de medo. Nosso é o sangue da antiga Ghis, cujo império já era antigo quando Valéria não passava de uma criança chorosa. Fostes sensata por vos sentardes a conversar, *Khaleesi*. Não encontrareis aqui uma conquista fácil.

— Ótimo. Os meus Imaculados apreciarão um pouco de luta. — Olhou para Verme Cinzento, que confirmou com a cabeça.

Grazdan fez um largo encolher de ombros.

— Se o que desejais é sangue, pois que jorre. Diz-se que haveis libertado os vossos eunucos. A liberdade tem tanto significado para um Imaculado como um chapéu para um bacalhau. — Sorriu para Verme Cinzento, mas dir-se-ia que o eunuco era feito de pedra. — Voltaremos a escravizar aqueles que sobreviverem, e usá-los-emos para voltar a arrancar Astapor das mãos da população. Também poderemos fazer de vós uma escrava, não duvideis. Há casas do prazer em Lys e Tyrosh onde os homens pagariam belas somas para dormir com a última Targaryen.

— É bom ver que sabeis quem sou — disse Dany em voz branda.

— Orgulho-me do meu conhecimento do selvagem e disparatado Ocidente. — Grazdan abriu as mãos, um gesto de conciliação. — E no entanto, porque haveremos de falar tão duramente um ao outro? É verdade que haveis cometido selvajarias em Astapor, mas nós, os yukaitas, somos um povo muito clemente. A vossa querela não é connosco, Vossa Graça. Porquê malbaratar as vossas forças contra as nossas poderosas muralhas, quando precisais de todos os homens para reconquistar o trono do vosso pai no longínquo Westeros? Yunkai só vos deseja sucesso nessa empreitada.

E para provar a verdade destas palavras, trouxe-vos um presente. — Bateu palmas, e dois dos membros da sua escolta avançaram trazendo uma pesada arca de cedro, reforçada a bronze e a ouro. Colocaram-na a seus pés. — Cinquenta mil marcos de ouro — disse Grazdan num tom melífluo. — São vossos, num gesto de amizade dos Sábios Mestres de Yunkai. Ouro dado livremente é decerto melhor do que saque comprado com sangue. Portanto digo-vos, Daenerys Targaryen, aceitai esta arca e parti.

Dany abriu a tampa da arca com um pequeno pé enfiado num chinelo. Estava cheia de moedas de ouro, tal como o enviado dissera. Agarrou numa mão-cheia e deixou-as correr por entre os dedos. Cintilavam, brilhantes, ao rodar e cair; a maioria eram recém-cunhadas, com uma pirâmide de degraus numa das faces e a harpia de Ghis na outra.

— Muito lindo. Pergunto a mim própria quantas arcas como esta encontrarei quando tomar a vossa cidade.

Ele soltou um risinho.

— Nenhuma, pois nunca fareis tal coisa.

— Tenho também um presente para vós. — Fechou a arca com estrondo. — Três dias. Na manhã do terceiro dia, mandai os vossos escravos para fora da cidade. Todos. A cada homem, mulher e criança será dada uma arma e tanta comida, roupas, moedas e bens que ele ou ela possam transportar. Ser-lhes-á permitido que escolham livremente estes objectos de entre as posses dos seus donos, como pagamento pelos anos de servidão. Depois de todos os escravos partirem, abrireis os portões e permitireis que os meus Imaculados entrem na cidade e a revistem, para assegurar que ninguém permanece em escravidão. Se fizerdes isto, Yunkai não será queimada nem saqueada, e nenhum dos membros do vosso povo será molestado. Os Sábios Mestres terão a paz que desejam, e terão demonstrado serem realmente sábios. Que dizeis?

— Digo que sois louca.

— Ah sou? — Dany encolheu os ombros e disse: — *Dracarys*.

Os dragões responderam. Rhaegal silvou e soltou uma baforada de fumo, Viserion tentou morder, e Drogon cuspiu uma chama rodopiante, vermelha e negra. Esta tocou a prega do *tokar* de Grazdan e a seda incendiou-se em meio segundo. Marcos de ouro derramaram-se pelos tapetes quando o enviado tropeçou na arca, gritando pragas e batendo no braço até que o Barba-Branca lhe despejou um jarro de água em cima para abafar as chamas.

— Jurastes que eu teria salvo-conduto! — lamentou-se o enviado de Yunkai.

— Será que todos os yunkaitas se lamuriam tanto por causa de um *tokar* chamuscado? Comprar-vos-ei um novo... se entregardes os vossos

escravos dentro de três dias. Se não, Drogon dar-vos-á um beijo mais quente. — Torceu o nariz. — Urinastes-vos. Levai o ouro e ide, e assegurai-vos de que os Sábios Mestres ouvem a minha mensagem.

Grazdan mo Eraz apontou um dedo.

— Lamentarás esta arrogância, rameira. Esses lagartinhos não te manterão a salvo, garanto. Encheremos o ar de setas se eles chegarem a menos de uma légua de Yunkai. Achas que é muito difícil matar um dragão?

— É mais difícil do que matar um escravagista. Três dias, Grazdan. Dizei-lhes. Ao fim do terceiro dia, eu entrarei em Yunkai, quer me abrais os portões, quer não.

A noite já caíra por completo quando os yunkaitas partiram do acampamento. Prometia ser uma noite sombria; sem luar, sem estrelas, com um vento gelado e húmido que soprava de oeste. *Uma bela noite negra*, pensou Dany. Ardiam fogueiras a toda a volta, pequenas estrelas cor-de-laranja espalhadas por campos e colinas.

— Sor Jorah — disse —, convocai os meus companheiros de sangue. — Dany sentou-se num monte de almofadas à espera deles, com os dragões à sua volta. Quando se reuniram, disse: — Uma hora depois da meia-noite deverá dar tempo suficiente.

— Sim, *Khaleesi* — disse Rakharo. — Tempo para quê?

— Para montar o nosso ataque.

Sor Jorah Mormont franziu o sobrolho.

— Dissestes aos mercenários...

— ...que queria as suas respostas de manhã. Não fiz nenhuma promessa acerca desta noite. Os Corvos Tormentosos estarão a discutir sobre a minha proposta. Os Segundos Filhos estarão bêbados com o vinho que dei a Mero. E os yunkaitas julgam que têm três dias. Apanhá-los-emos a coberto desta escuridão.

— Eles deverão ter batedores a vigiar-nos.

— E na escuridão, verão centenas de fogueiras a arder — disse Dany. — Se chegarem a ver alguma coisa.

— *Khaleesi* — disse Jhogo —, eu tratarei desses batedores. Não são cavaleiros, são só escravagistas em cima de cavalos.

— Exactamente — concordou. — Acho que devíamos atacar de três lados. Verme Cinzento, os teus Imaculados atacá-los-ão pela direita e pela esquerda, enquanto os meus *kos* levam a cavalaria em cunha numa arremetida através do centro. Soldados escravos nunca resistirão perante dothrakis montados. — Sorriu. — Com certeza, eu sou só uma rapariguinha e pouco sei de guerra. Que achais, senhores?

— Acho que sois a irmã de Rhaegar Targaryen — disse Sor Jorah com um meio-sorriso tristonho.

— Sim — disse Arstan Barba-Branca — e também uma rainha.

Levaram uma hora a congeminar todos os detalhes. *Agora começa a altura mais perigosa*, pensou Dany quando os seus capitães partiram para junto dos seus homens. Só podia rezar para que as sombras da noite escondessem do inimigo os preparativos.

Perto da meia-noite, apanhou um susto quando Sor Jorah passou numa investida por Belwas, o Forte.

— Os Imaculados apanharam um dos mercenários a tentar entrar no acampamento às escondidas.

— Um espião? — Aquilo assustou-a. Se tinham apanhado um, quantos mais teriam escapado?

— Ele diz que veio trazer presentes. É o idiota amarelo com o cabelo azul.

Daario Naharis.

— Esse. Então ouvirei o que tem a dizer.

Quando o cavaleiro exilado o trouxe, Dany perguntou a si própria se já teria havido no mundo dois homens mais diferentes um do outro. O tyroshi era claro onde Sor Jorah era trigueiro; esguio enquanto o cavaleiro era musculoso; embelezado com abundantes madeixas, ao passo que o outro ia perdendo o cabelo, e no entanto possuía uma pele lisa onde Mormont era peludo. E o seu cavaleiro vestia-se com simplicidade, enquanto o outro homem fazia com que um pavão parecesse monótono, embora, para aquela visita, tivesse posto um pesado manto negro sobre os seus brilhantes adornos amarelos. Transportava uma pesada saca de tela atirada sobre um ombro.

— *Khaleesi* — gritou —, trago presentes e alegres novas. Os Corvos Tormentosos são vossos. — Um dente de ouro cintilou na sua boca quando sorriu. — E Daario Naharis também!

Dany tinha dúvidas. Se aquele tyroshi tivesse vindo espiar, aquela declaração podia não passar de uma artimanha desesperada para salvar a cabeça.

— Que dizem disso Prendahl na Ghezn e Sallor?

— Pouca coisa. — Daario virou a saca ao contrário e as cabeças de Sallor, o Calvo, e Prendahl na Ghezn derramaram-se sobre os tapetes. — Os meus presentes para a rainha do dragão.

Viserion farejou o sangue que vazava do pescoço de Prendahl, e soltou um novelo de chamas que atingiu o morto em cheio na cara, enegrecendo e enchendo de bolhas a sua face sem sangue. Dragon e Rhaegal agitaram-se com o cheiro a carne assada.

— Fostes vós que fizestes isto? — perguntou Dany, repugnada.

— Eu e ninguém mais. — Se os dragões desconcertavam Daario

Naharis, ele escondia-o bem. Ajuizando pela atenção que lhes prestava, bem podiam ser três gatinhos a brincar com um rato.

— Porquê?

— Por serdes tão bela. — As mãos dele eram grandes e fortes, e havia algo nos seus olhos azuis e duros e no grande nariz curvo que sugeria a ferocidade de uma magnífica ave de rapina. — Prendahl falava demasiado e dizia pouco. — O seu vestuário, apesar de rico, estava muito usado, manchas de sal criavam um padrão nas suas botas, tinha o verniz das unhas lascado, a renda mostrava-se manchada pelo suor, e Dany via o ponto em que a bainha do manto estava a puir. — E Sallor escarafunchava o nariz como se o seu ranho fosse feito de ouro. — O homem estava em pé, com as mãos cruzadas nos pulsos, descansando as palmas nos botões das suas armas; um *arakh* dothraki curvo à anca esquerda, um esguio punhal de Myr à direita. Os cabos eram um par de mulheres douradas, nuas e sensuais.

— Usais essas belas lâminas com habilidade? — perguntou-lhe Dany.

— Prendahl e Sallor dir-vos-iam que sim, se os mortos falassem. Não conto um dia como vivido, a não ser que tenha amado uma mulher, morto um inimigo ou comido uma bela refeição... e os dias que vivi são tão incontáveis como as estrelas no céu. Transformo o massacre num acto de beleza, e muitos acrobatas e dançarinos de fogo suplicaram aos deuses poder ter metade da minha rapidez, um quarto da minha graciosidade. Dir-vos-ia os nomes de todos os homens que matei, mas antes de conseguir acabar, os vossos dragões tornar-se-iam tão grandes como castelos, as muralhas de Yunkai ruiriam, transformadas em poeira amarela, e o Inverno chegaria, partiria e voltaria a chegar.

Dany soltou uma gargalhada. Gostava da bravata que via naquele Daario Naharis.

— Puxai pela espada e ajuramentai-a ao meu serviço.

Num piscar de olhos, o *arakh* de Daario viu-se livre da bainha. A submissão do homem foi tão extravagante como tudo o resto nele, um grande arrebatamento que levou a sua cara até junto dos dedos dos pés de Dany.

— A minha espada é vossa. A minha vida é vossa. O meu amor é vosso. O meu sangue, o meu corpo, as minhas canções, sois dona de tudo. Vivo e morro às vossas ordens, bela rainha.

— Então vivei — disse Dany — e lutai por mim esta noite.

— Isso não seria sensato, minha rainha. — Sor Jorah deitou a Daario um olhar frio e duro. — Mantende este homem aqui, guardado, até que a batalha esteja concluída e ganha.

Dany reflectiu por um momento, e depois abanou a cabeça.

— Se ele nos puder dar os Corvos Tormentosos, a surpresa é certa.

— E se nos trair, a surpresa estará perdida.

Dany voltou a examinar o mercenário. Ele mostrou-lhe um tal sorriso que ela corou e afastou o olhar.

— Não trairá.

— Como podeis saber isso?

Ela apontou para os bocados de carne enegrecida que os dragões estavam a consumir, uma dentada sangrenta após outra.

— Eu chamaria àquilo uma prova da sua sinceridade. Daario Naharis, tende os vossos Corvos Tormentosos prontos a atacar a retaguarda yunkaíta quando o meu ataque começar. Conseguireis regressar em segurança?

— Se me pararem, dir-lhes-ei que andei a bater o terreno e nada vi. — O tyroshi pôs-se em pé, fez uma vénia, e saiu a passos largos.

Sor Jorah Mormont deixou-se ficar.

— Vossa Graça — disse, com demasiada brusquidão —, isto foi um erro. Nada sabemos sobre este homem...

— Sabemos que é um grande guerreiro.

— Um grande falador, quereis vós dizer.

— Ele traz-nos os Corvos Tormentosos. — *E tem olhos azuis.*

— Quinhentos mercenários de lealdade incerta.

— Todas as lealdades são incertas em tempos como estes — recordou-lhe Dany. *E eu serei traída mais duas vezes, uma por ouro e uma por amor.*

— Daenerys, tenho o triplo da vossa idade — disse Sor Jorah. — Já vi quão falsos são os homens. Muito poucos são dignos de confiança, e Daario Naharis não é um deles. Até na barba tem cores falsas.

Aquilo irritou-a.

— Ao passo que vós tendes uma barba honesta, é isso o que me estais a dizer? Que sois o único homem em que poderei confiar?

Ele endireitou-se.

— Não disse isso.

— É o que dizeis todos os dias. Pyat Pree é um mentiroso, Xaro é um maquinador, Belwas é um fanfarrão, Arstan um assassino... julgais que continuo a ser uma rapariguinha virgem, incapaz de ouvir as palavras por trás das palavras?

— Vossa Graça...

Ela interrompeu-o.

— Tendes sido o melhor amigo que já conheci, um irmão melhor do que Viserys alguma vez foi. Sois o primeiro membro da minha Guarda Real, o comandante do meu exército, o meu conselheiro mais estimado, a minha boa mão direita. Honro-vos, respeito-vos e estimo-vos... mas não vos desejo, Jorah Mormont, e estou cansada de vos ver a tentar empurrar todos os outros homens do mundo para longe de mim, para que tenha de

depende de vós e apenas de vós. Isso não pode ser, e não me fará amar-vos mais.

Mormont corara quando ela começara, mas quando Dany acabou, tinha a cara de novo pálida. Ficou imóvel como pedra.

— Se a minha rainha ordena — disse, seco e frio.

Dany estava suficientemente quente para ambos.

— Ordena — disse. — Ela *ordena*. E agora ide cuidar dos vossos Imaculados, sor. Tendes uma batalha a travar e vencer.

Quando o cavaleiro se foi embora, Dany atirou-se para cima das almofadas, para junto dos dragões. Não tencionara ser tão cortante com Sor Jorah, mas a contínua suspeita de Mormont despertara-lhe finalmente o dragão.

Ele perdoar-me-á, disse a si própria. *Sou a sua suserana*. Dany deu por si a interrogar-se sobre se ele teria razão acerca de Daario. De repente sentiu-se muito só. Mirri Maz Duur assegurara que ela nunca daria à luz um filho vivo. *A Casa Targaryen terminará comigo*. Aquilo entristeceu-a.

— Tendes de ser os meus filhos — disse aos dragões —, os meus três ferozes filhos. Arstan diz que os dragões vivem mais tempo do que os homens, portanto sobreviveréis depois de eu morrer.

Drogon curvou o pescoço para lhe morder a mão. Tinha uns dentes muito afiados, mas nunca lhe rompia a pele quando brincavam assim. Dany riu e fê-lo rolar de um lado para o outro até que ele rugiu, com a cauda a estalar como um chicote. *É mais comprido do que era, viu ela, e amanhã sê-lo-á ainda mais. Eles agora crescem depressa, e quando forem grandes, terei as minhas asas*. Montada num dragão, poderia ir à frente dos seus homens para a batalha, como fizera em Astapor, mas por enquanto eram ainda pequenos de mais para suportar o seu peso.

Uma quietude caiu sobre o acampamento quando a meia-noite chegou e passou. Dany permaneceu no seu pavilhão com as aias, enquanto Arstan Barba-Branca e Belwas, o Forte, montavam guarda. *A espera é a parte mais dura*. Ficar sentada na tenda sem ter onde ocupar as mãos enquanto a batalha estava a ser travada sem si fez com que Dany se sentisse de novo quase uma criança.

As horas arrastaram-se sobre patas de tartaruga. Mesmo depois de Jhiqui lhe massajar os ombros, desfazendo os nós que neles tinha, Dany permaneceu demasiado desassossegada para dormir. Missandei ofereceu-se para lhe cantar uma canção de embalar do Povo Pacífico, mas Dany abanou a cabeça.

— Traz-me Arstan — disse.

Quando o velho entrou, Dany encontrava-se enrolada dentro da sua pele de *hrakkar*, cujo cheiro bafiento ainda lhe fazia lembrar Drogo.

— Não consigo dormir quando há homens a morrer por mim, Barba-Branca — disse. — Falai-me mais acerca do meu irmão Rhaegar, por favor. Gostei da história que me contastes no navio, sobre o modo como ele decidiu que tinha de ser um guerreiro.

— Vossa Graça é bondosa por dizê-lo.

— Viserys dizia que o nosso irmão ganhou muitos torneios.

Arstan inclinou respeitosamente a sua cabeça branca.

— Não é próprio da minha parte negar as palavras de Sua Graça...

— Mas? — disse Dany em tom penetrante. — Contai-me. Eu ordeno-o.

— A perícia do Príncipe Rhaegar era inquestionável, mas ele raramente entrava nas liças. Nunca gostou da canção das espadas como Robert gostava, ou como Jaime Lannister. Era algo que tinha de fazer, uma tarefa que o mundo lhe atribuíra. Desempenhava-a bem, visto que fazia tudo bem. Era essa a sua natureza. Mas não tirava dela alegria. Os homens diziam que ele gostava muito mais da harpa do que da lança.

— Mas certamente que terá ganho *alguns* torneios — disse Dany, desapontada.

— Quando era novo, Sua Graça participou brilhantemente num torneio em Ponta Tempestade, derrotando o Lorde Steffron Baratheon, o Lorde Jason Mallister, a Víbora Vermelha de Dorne, e um cavaleiro misterioso que se revelou ser o infame Simon Toyne, chefe dos fora-da-lei da Matadereira. Quebrou doze lanças contra Sor Arthur Dayne nesse dia.

— Então foi ele o campeão?

— Não, Vossa Graça. Essa honra foi para outro cavaleiro da Guarda Real, que derrubou o Príncipe Rhaegar na justa final.

Dany não queria ouvir falar de derrubes a Rhaegar.

— Mas que torneios *ganhou* o meu irmão?

— Vossa Graça. — O velho hesitou. — Ele ganhou o maior torneio de todos.

— Que torneio foi esse? — quis saber Dany.

— O torneio que o Lorde Whent montou em Harrenhal ao lado do Olho de Deus, no ano da falsa Primavera. Um evento notável. Além das justas, houve um corpo a corpo ao estilo antigo, lutado entre sete equipas de cavaleiros, bem como tiro com arco e arremesso de machados, uma corrida de cavalos, um torneio de cantores, um espectáculo de saltimbancos, e muitos banquetes e divertimentos. O Lorde Whent era tão generoso como rico. As pródigas bolsas que proclamou atraíram centenas de competidores. Até o vosso real pai se deslocou a Harrenhal, ele que não abandonava a Fortaleza Vermelha havia longos anos. Os maiores senhores e mais poderosos campeões dos Sete Reinos partici-

param nesse torneio, e o Príncipe de Pedra do Dragão superiorizou-se a todos eles.

— Mas esse foi o torneio em que coroou Lyanna Stark como rainha do amor e da beleza! — disse Dany. — A Princesa Elia, sua esposa, estava lá, e no entanto o meu irmão deu a coroa à rapariga Stark, e mais tarde roubou-a ao seu prometido. Como pôde ter feito tal coisa? A mulher dor-nesa tratava-o assim tão mal?

— Não cabe a alguém como eu dizer o que poderá ter estado no coração do vosso irmão, Vossa Graça. A Princesa Elia era uma senhora bondosa e graciosa, embora a sua saúde sempre tenha sido delicada.

Dany enrolou melhor a pele de leão em volta dos ombros.

— Viserys disse uma vez que a culpa era minha, por ter nascido demasiado tarde. — Lembra-se de o ter negado acaloradamente, chegando ao ponto de dizer a Viserys que fora culpa dele por não ter nascido rapariga. Ele espancara-a cruelmente por essa insolência. — Se eu tivesse nascido em altura mais oportuna, disse ele, Rhaegar ter-se-ia casado comigo e não com Elia, e tudo teria sido diferente. Se Rhaegar tivesse sido feliz com a esposa, não teria necessitado da rapariga Stark.

— Talvez assim seja, Vossa Graça. — O Barba-Branca fez uma pausa momentânea. — Mas não tenho a certeza de que Rhaegar tivesse a capacidade de ser feliz.

— Fazeis com que ele pareça tão amargo — protestou Dany.

— Amargo não, não, mas... havia uma melancolia no Príncipe Rhaegar, um sentido... — O velho voltou a hesitar.

— Dizei-o — pediu ela. — Um sentido...?

— ... de tragédia. Ele nasceu em desgosto, minha rainha, e essa sombra pairou sobre ele durante toda a vida.

Viserys só falara uma vez do nascimento de Rhaegar. A história talvez o entristecesse demasiado.

— Era a sombra de Solarestival que o assombrava, não era?

— Sim. E no entanto, Solarestival era o lugar que o príncipe mais amava. Ia lá de tempos a tempos, acompanhado apenas da sua harpa. Nem mesmo os cavaleiros da Guarda Real o serviam aí. Gostava de dormir no salão arruinado, sob a Lua e as estrelas, e sempre que regressava trazia uma canção. Quando se ouvia o príncipe tocar a sua harpa com cordas de prata e cantar acerca de penumbras, lágrimas e a morte de reis, não era possível evitar sentir que ele estava a cantar sobre si e sobre aqueles que amava.

— E o Usurpador? Ele também tocava canções tristes?

Arstan soltou um risinho.

— Robert? Robert gostava de canções que o fizessem rir, e quanto mais obscenas, melhor. Só cantava quando estava bêbado, e então eram coi-

sas do género de “Um Barril de Cerveja”, “Cinquenta e Quatro Tonéis” ou “O Urso e a Bela Donzela”. Robert era muito...

Como um só, os dragões ergueram as cabeças e rugiram.

— Cavalos! — Dany pôs-se em pé de um salto, apertando-se à pele de leão. Lá fora, ouviu Belwas, o Forte, a berrar qualquer coisa, e depois outras vozes, e o ruído de muitos cavalos. — Irri, vai ver quem...

A aba da tenda abriu-se de rompante e Sor Jorah Mormont entrou. Vinha empoeirado e salpicado de sangue, mas além disso não parecia afetado pela batalha. O cavaleiro exilado caiu sobre um joelho perante Dany e disse:

— Vossa Graça, trago-vos a vitória. Os Corvos Tormentosos viraram as casacas, os escravos quebraram e os Segundos Filhos estavam demasiado bêbados para lutar, tal como tínheis dito. Duzentos mortos, na maioria yunkaitas. Os seus escravos deitaram fora as lanças e fugiram, e os seus mercenários renderam-se. Temos vários milhares de cativos.

— As nossas perdas?

— Uma dúzia. Se tanto.

Só então se permitiu um sorriso.

— Erguei-vos, meu bom e corajoso urso. Grazdan foi capturado? Ou o Bastardo do Titã?

— Grazdan foi a Yunkai entregar as vossas exigências. — Sor Jorah pôs-se em pé. — Mero fugiu, assim que se apercebeu de que os Corvos Tormentosos se tinham passado para o nosso lado. Tenho homens a perseguir-lo. Não nos deve escapar por muito tempo.

— Muito bem — disse Dany. — Mercenário ou escravo, poupai todos aqueles que me jurem lealdade. Se um número suficiente dos Segundos Filhos se me juntar, mantende a companhia intacta.

No dia seguinte marcharam as três últimas léguas até Yunkai. A cidade tinha sido construída de tijolos amarelos em vez de vermelhos; tirando isso era uma cópia perfeita de Astapor, com as mesmas muralhas a esboroar-se e maciças pirâmides de degraus, e uma grande harpia montada por cima dos portões. A muralha e torres estavam repletas de besteiros e fundibulários. Sor Jorah e o Verme Cinzento posicionaram os seus homens, Irri e Jhiqui ergueram o pavilhão de Dany, e esta sentou-se, à espera.

Na manhã do terceiro dia, os portões da cidade abriram-se e uma fileira de escravos começou a sair. Dany montou a prata para ir ao seu encontro. Ao passarem, a pequena Missandei foi-lhes dizendo que deviam a liberdade a Daenerys Nascida na Tormenta, a Não-Queimada, Rainha dos Sete Reinos de Westeros e Mãe de Dragões.

— *Mhysa!* — gritou-lhe um homem de pele castanha. Trazia uma

criança ao ombro, uma rapariguinha, e ela gritou a mesma palavra na sua vozinha fina. — *Mhysa! Mhysa!*

Dany olhou para Missandei.

— Que estão eles a gritar?

— É ghiscari, a antiga língua pura. Quer dizer “Mãe”.

Dany sentiu uma leveza no peito. *Nunca darei à luz um filho vivo*, recordou. A mão tremeu-lhe ao erguê-la. Talvez tenha sorrido. Deve ter sorrido, pois o homem também sorriu e voltou a gritar, e outros acompanharam o seu grito.

— *Mhysa!* — gritaram. — *Mhysa! MHYSA!* — Estavam todos a sorrir-lhe, a estender as mãos para ela, a ajoelhar à sua frente. Alguns chamavam-lhe “*Maela*”, outros gritavam “*Aelalla*” ou “*Qathei*” ou “*Tato*”, mas qualquer que fosse a língua, todas as palavras queriam dizer o mesmo. *Mãe. Eles estão a chamar-me Mãe.*

O cântico cresceu, espalhou-se, avolumou-se. Avolumou-se tanto que assustou o seu cavalo, e a égua recuou, abanou a cabeça e agitou a cauda cinzenta-prateada. Avolumou-se até parecer abanar as muralhas amarelas de Yunkai. Mais escravos saíam pelos portões a cada momento, e ao chegarem, juntavam-se ao grito. Agora corriam para ela, empurrando-se, tropeçando, desejando tocar-lhe a mão, afagar a crina do seu cavalo, beijar-lhe os pés. Os seus pobres companheiros de sangue não conseguiam mantê-los a todos afastados, e até Belwas, o Forte, grunhiu e resmungou de susto.

Sor Jorah tentou convencê-la a sair dali, mas Dany lembrou-se de um sonho que tivera na Casa dos Imorredouros.

— Eles não me farão mal — disse-lhe. — Eles são meus filhos, Jorah. — Soltou uma gargalhada, bateu com os calcanhares no cavalo e cavalgou na direcção dos escravos, com as campainhas no cabelo a retinir em doce vitória. Trotou, depois passou a meio galope e de seguida pôs-se a galope, com a trança a ondular atrás. Os escravos libertados abriram-lhe caminho. “Mãe”, gritaram cem gargantas, mil, dez mil. “Mãe”, cantaram, com os dedos a afagar-lhe as pernas enquanto voava através deles. “Mãe, Mãe, Mãe!”

Quando Arya viu a forma do grande monte a erguer-se à distância, dourado ao sol da tarde, reconheceu-o de imediato. Tinham regressado a Coração Alto.

Ao pôr-do-sol estavam no topo, acampando onde nenhum mal lhes poderia acontecer. Arya percorreu o círculo de tocos de represeiro com o escudeiro de Lorde Beric, Ned, e puseram-se em pé em cima de um deles a observar a última luz que desaparecia a ocidente. Dali de cima via uma tempestade que se enfurecia para norte, mas Coração Alto erguia-se *acima* da chuva. Não estava acima do vento, no entanto; as rajadas sopravam com tanta força que era como se alguém estivesse atrás dela a puxar-lhe pelo manto. Só que quando se virou, não estava lá ninguém.

Fantasmas, recordou. Coração Alto está assombrado.

Fizeram uma grande fogueira no cimo do monte, e Thoros de Myr sentou-se de pernas cruzadas na sua frente, a olhar para as profundezas das chamas como se nada mais existisse no mundo inteiro.

— Que está ele a fazer? — perguntou Arya a Ned.

— Ele às vezes vê coisas nas chamas — disse-lhe o escudeiro. — O passado. O futuro. Coisas que estão a acontecer muito longe.

Arya olhou para o fogo com os olhos semicerrados, tentando ver o que o sacerdote vermelho via, mas só conseguiu ficar com os olhos cheios de lágrimas e pouco tempo depois afastou-os da fogueira. Gendry também estava a observar o sacerdote vermelho.

— Podeis mesmo ver aí o futuro? — perguntou de súbito.

Thoros afastou os olhos do fogo, suspirando.

— Aqui não. Agora não. Mas certos dias, sim, o Senhor da Luz concede-me visões.

Gendry não parecia convencido.

— O meu mestre dizia que éreis um bêbado e uma fraude, um sacerdote tão mau como os piores.

— Isso era pouco amável. — Thoros soltou um risinho. — Verdadeiro, mas pouco amável. Quem era esse teu mestre? Eu conhecia-te, rapaz?

— Eu era aprendiz do mestre armeiro Tobho Mott, na Rua do Aço. Costumáveis comprar-lhe as espadas.

— É verdade. Ele cobrava-me o dobro do que elas valiam, e depois reprendia-me por lhes pegar fogo. — Thoros soltou uma gargalhada.

— O teu mestre tinha razão. Eu não era um sacerdote lá muito santo. Fui o mais novo de oito filhos, e por isso o meu pai deu-me ao Templo Vermelho, mas não teria sido esse o caminho que eu escolheria. Orava as orações e proferia os feitiços, mas também liderava ataques às cozinhas e, de tempos a tempos, encontravam raparigas na minha cama. Umas raparigas tão malvadas... nunca soube como elas iam lá parar.

»Mas tinha um dom para línguas. E quando olhava para as chamas, bem, de vez em quando via coisas. Mesmo assim eram mais os aborrecimentos que dava do que o valor que tinha, e acabaram por me enviar para Porto Real a fim de trazer a luz do Senhor ao sete vezes embrutecido Westeros. O Rei Aerys gostava tanto de fogo que se pensou que poderia ser convertido. Infelizmente, os seus piromantes conheciam melhores truques do que eu.

»Mas o Rei Robert gostava de mim. Da primeira vez que entrei num corpo a corpo com uma espada flamejante, o cavalo de Kevan Lannister empinou-se e atirou-o ao chão, e Sua Graça riu-se tanto que eu pensei que explodiria. — A recordação fez o sacerdote vermelho sorrir. — Mas aquilo não era maneira de tratar uma lâmina, o teu mestre também tinha razão quanto a isso.

— O fogo consome. — O Lorde Beric estava em pé atrás deles, e havia algo na sua voz que silenciou Thoros de imediato. — Ele *consume*, e quando termina, nada resta. *Nada*.

— Beric. Querido amigo. — O sacerdote tocou o senhor do relâmpago no antebraço. — Que estais vós a dizer?

— Nada que não tenha já dito. Seis vezes, Thoros? Seis vezes são demasiadas. — Afastou-se abruptamente.

Naquela noite o vento uivava quase como um lobo, e havia alguns lobos verdadeiros a oeste a dar-lhe lições. Notch, Anguy e o Merrit de Vilalua estavam de vigia. Ned, Gendry e muitos dos outros dormiam profundamente quando Arya vislumbrou a pequena silhueta clara que se movia por trás dos cavalos, com o cabelo fino e branco a esvoaçar loucamente, enquanto se apoiava numa bengala cheia de nós. A mulher não podia ter mais de noventa centímetros de altura. A luz da fogueira fazia-lhe cintilar os olhos num tom tão vermelho como o dos olhos do lobo de Jon. *Ele também era um fantasma*. Arya esgueirou-se para mais perto, e ajoelhou-se para espreitar.

Thoros e Limo faziam companhia ao Lorde Beric quando a anã se sentou junto da fogueira sem ser convidada. Olhou-os de soslaio com uns olhos que eram como carvões ardentes.

— A Brasa e o Limão vêm de novo visitar-me, com Sua Graça, o Senhor dos Cadáveres.

— Um nome de mau agoiro. Já vos pedi que não o usásseis.

— Sim, pedistes. Mas o fedor da morte é em vós fresco, senhor. — Não lhe restava mais do que um dente. — Dai-me vinho, senão vou-me embora. Os meus ossos estão velhos. As articulações doem-me quando os ventos sopram, e aqui em cima os ventos não param de soprar.

— Um veado de prata pelos vossos sonhos, senhora — disse o Lorde Beric, com uma solene cortesia. — E outro se tiverdes notícias para nos dar.

— Não posso comer um veado de prata, e também não o posso montar. Um odre de vinho pelos meus sonhos, e, pelas notícias, um beijo do grande idiota com o manto amarelo. — A pequena mulher soltou um cacarejo. — Sim, um beijo molhado, um pouco de língua. Passou-se demasiado tempo, demasiado. A boca dele vai saber a limões e a minha a ossos. Sou velha de mais.

— Sim — protestou o Limo. — Velha de mais para vinho e beijos. Tudo o que levareis de mim é a parte romba da espada, bruxa.

— O cabelo cai-me às mãos-cheias e ninguém me beija há mil anos. É duro ser tão velha. Bem, nesse caso aceito uma canção. Uma canção do Tom das Sete, pelas notícias.

— Obtereis a vossa canção do Tom — prometeu o Lorde Beric. Foi ele próprio a entregar-lhe o odre de vinho.

A anã bebeu profundamente, deixando escorrer vinho pelo queixo abaixo. Quando baixou o odre, limpou a boca com as costas de uma mão enrugada e disse:

— Vinho amargo por amargas novas, que haveria de mais adequado? O rei está morto, isso é suficientemente amargo para vós?

O coração de Arya subiu-lhe à garganta.

— *Qual* dos malditos reis está morto, velha? — exigiu saber o Limo.

— O molhado. O rei da lula gigante, s'nhores. Sonhei que ele estava morto, e ele morreu, e agora as lulas de ferro viraram-se umas contra as outras. Oh, e o Lorde Hoster Tully também morreu, mas vós sabeis disso, não é verdade? No salão dos reis o bode está só e febril, enquanto o grande cão cai sobre ele. — A velha bebeu outro longo trago de vinho, espremendo o odre enquanto o levava aos lábios.

O grande cão. Estaria a velha a falar do Cão de Caça? Ou talvez do irmão, a Montanha Que Cavalga? Arya não tinha a certeza. Ambos usavam as mesmas armas, três cães negros em fundo amarelo. Metade dos homens por cujas mortes rezava pertenciam a Sor Gregor Clegane; Polliver, Dunsen, Raff, o Querido, o Cócegas e o próprio Sor Gregor. *Talvez o Lorde Beric os enforque a todos.*

— Sonhei com um lobo a uivar à chuva, mas ninguém ouvia o seu lamento — estava a anã a dizer. — Sonhei com um tal clangor que julguei

que a minha cabeça ia rebentar, com tambores, cornos, flautas e gritos, mas o som mais triste era o de pequenas campainhas. Sonhei com uma donzela num banquete com serpentes púrpura no cabelo e veneno a pingar dos seus colmilhos. E mais tarde voltei a sonhar com essa donzela, a matar um gigante selvagem num castelo feito de neve. — Virou vivamente a cabeça e sorriu através das sombras, directamente para Arya. — Não podes esconder-te de mim, filha. Aproxima-te lá.

Dedos frios desceram pelo pescoço de Arya. *O medo corta mais profundamente do que as espadas*, lembrou a si própria. Ergueu-se e aproximou-se cautelosamente da fogueira, pisando levemente, nas pontas dos pés, pronta a fugir.

A anã estudou-a com os seus sombrios olhos vermelhos.

— Estou a ver-te — sussurrou. — Estou a ver-te, criança lobo. Criança de sangue. Julgava que era o lorde quem cheirava a morte... — Desatou a soluçar, fazendo estremecer o seu pequeno corpo. — És cruel por vires ao meu monte, cruel. Empanturrei-me de desgosto em Solarestival, não preciso do teu. Desaparece daqui, coração negro. *Desaparece!*

Havia tanto medo na voz dela que Arya deu um passo para trás, perguntando a si própria se a mulher estaria louca.

— Não assusteis a criança — protestou Thoros. — Não há nenhum mal nela.

O dedo do Limo Manto Limão dirigiu-se ao seu nariz quebrado.

— Não tendes tanta certeza quanto a isso.

— Ela partirá de manhã, connosco — garantiu o Lorde Beric à pequena mulher. — Vamos levá-la para Correrrio, para junto da mãe.

— Não — disse a anã. — Não ides. Quem controla os rios é agora o peixe negro. Se quereis a mãe, procurai-a nas Gémeas. Pois irá haver um *casamento*. — Voltou a soltar um cacarejo. — Olhai para os vossos fogos, sacerdote cor-de-rosa, e vereis. Mas não agora, e não aqui, aqui não vereis nada. Este lugar ainda pertence aos antigos deuses... permanecem aqui, tal como eu, encolhidos e frágeis mas ainda vivos. E não gostam das chamas. Pois o carvalho recorda a bolota, a bolota sonha o carvalho, e o toco vive em ambos. E lembram-se de quando os Primeiros Homens chegaram com fogo nos punhos. — Bebeu o resto do vinho em quatro longos tragos, atirou o odre para o lado, e apontou a bengala ao Lorde Beric. — Quero agora o meu pagamento. Quero a canção que me prometestes.

E assim o Limo despertou o Tom Sete-Cordas de debaixo das suas peles, e trouxe-o a bocejar até junto da fogueira com a harpa na mão.

— A mesma canção de sempre? — perguntou.

— Oh, sim. A canção da minha Jenny. Existe mais alguma?

E ele assim cantou, e a anã fechou os olhos e pôs-se a balançar len-

tamente de um lado para o outro, murmurando as palavras e chorando. Thoros pegou firmemente na mão de Arya e afastou-se com ela.

— Deixa-a saborear a canção em paz — disse. — É tudo o que lhe resta.

Eu não ia fazer-lhe mal, pensou Arya.

— Que queria ela dizer com as Gêmeas? A minha mãe está em Correrrio, não está?

— Estava. — O sacerdote vermelho coçou-se por baixo do queixo. — Um casamento, disse ela. Veremos. Mas esteja onde estiver, o Lorde Beric há-de encontrá-la.

Não muito tempo depois, o céu abriu-se. Estalou o relâmpago, o trovão rolou sobre os montes, e a chuva começou a cair em lençóis que cegavam. A anã desapareceu tão subitamente como surgira, enquanto os fora-da-lei apanhavam ramos e erguiam abrigos improvisados.

Choveu toda a noite e, ao chegar a manhã, Ned, o Limo e Watty, o Moleiro, acordaram com arrepios. Watty não conseguiu manter o pequeno-almoço no estômago e o jovem Ned, ora estava febril, ora desatava a tremer, com a pele fria e húmida ao toque. Notch disse ao Lorde Beric que havia uma aldeia abandonada a meio dia de viagem para norte; encontrariam aí melhor abrigo, um lugar onde esperar que passasse o pior das chuvas. E assim, arrastaram-se para cima das selas e puseram os cavalos a descer o grande monte.

As chuvas não abrandavam. Cavalgaram por florestas e campos de cultivo, vadeando ribeiros em cheia, nos quais as rápidas águas chegavam às barrigas dos cavalos. Arya puxou o capuz do manto para cima da cabeça e encolheu-se, empapada e a tremer, mas determinada a não esmorecer. Merritt e Mudge estavam em breve a tossir tanto como Watty, e o pobre Ned parecia ficar mais infeliz a cada milha.

— Quando uso o elmo, a chuva bate no aço e deixa-me com dor de cabeça — queixou-se. — Mas quando o tiro, o meu cabelo fica encharcado e cola-se-me à cara e entra-me na boca.

— Tens uma faca — sugeriu Gendry. — Se o cabelo te aborrece assim tanto, rapa a porcaria da cabeça.

Ele não gosta de Ned. O escudeiro parecia a Arya bastante simpático; talvez um pouco tímido, mas de boa índole. Sempre ouvira dizer que os dorneses eram baixos e trigueiros, com cabelo negro e pequenos olhos negros, mas Ned tinha grandes olhos azuis, tão escuros que quase pareciam púrpura. E o cabelo era de um louro-claro, mais cinza do que mel.

— Há quanto tempo és escudeiro do Lorde Beric? — perguntou, para lhe afastar a mente dos seus problemas.

— Ele tomou-me como pajem quando desposou a minha tia. — Tos-

siu. — Tinha sete anos, mas quando fiz dez, promoveu-me a escudeiro. Uma vez ganhei um prémio, a arremeter contra anéis.

— Nunca aprendi a manejar a lança, mas podia ganhar-te com uma espada — disse Arya. — Já mataste alguém?

Aquilo pareceu alarmá-lo.

— Só tenho doze anos.

Matei um rapaz com oito, quase disse Arya, mas achou que era melhor não o fazer.

— Mas estiveste em batalhas.

— Sim. — Não parecia muito orgulhoso do facto. — Estive no Vau do Saltimbanco. Quando o Lorde Beric caiu ao rio, arrastei-o para a margem para que não se afogasse e fiquei por cima dele de espada na mão. Mas não cheguei a ter de lutar. Ele tinha uma lança espetada, e por isso ninguém nos incomodou. Quando reagrupámos, o Gergen Verde ajudou a pôr sua senhoria a cavalo.

Arya estava a lembrar-se do moço de estrebaria em Porto Real. Depois dele houvera aquele guarda cuja garganta cortara em Harrenhal, e os homens de Sor Amory naquela fortaleza junto ao lago. Não sabia se Weese e Chiswyck contavam, ou aqueles que tinham morrido à conta da sopa de doninha... de súbito sentiu-se muito triste.

— Também chamavam Ned ao meu pai — disse.

— Eu sei. Vi-o no torneio da Mão. Queria aproximar-me e falar com ele, mas não consegui arranjar o que dizer. — Ned estremeceu sob o manto, um bocado encharcado, de púrpura-claro. — Estáveis no torneio? Vi lá a vossa irmã. Sor Loras Tyrell deu-lhe uma rosa.

— Ela contou-me. — Tudo parecia ter acontecido há tanto tempo. — Jeyne Poole, a amiga dela, apaixonou-se pelo teu Lorde Beric.

— Ele está prometido à minha tia. — Ned fez uma expressão de desconforto. — Mas isso foi antes. Antes de ele...

...*morrer?* pensou Arya, enquanto a voz de Ned se reduzia a um silêncio incómodo. Os cascos dos cavalos faziam sons de sucção ao libertarem-se da lama.

— Senhora? — disse Ned por fim. — Tendes um irmão ilegítimo... Jon Snow?

— Ele está com a Patrulha da Noite na Muralha. — *Talvez devesse ir para a Muralha em vez de Correrrio. O Jon não se importaria com quem matei ou se me pentei ou não...* — O Jon parece-se comigo, apesar de ter nascido bastardo. Costumava despentear-me o cabelo e chamar-me “irmãzinha”. — De todos, era de Jon que Arya sentia mais falta. Bastava dizer o seu nome para entristecer. — Como sabes do Jon?

— Ele é meu irmão-de-leite.

— Irmão? — Arya não compreendia. — Mas tu és de Dorne. Como podes ser do sangue de Jon?

— Irmãos-de-leite. Não de sangue. A senhora minha mãe não tinha leite quando eu era pequeno, e Wylla teve de me amamentar.

Arya não estava a entender.

— Quem é Wylla?

— A mãe de Jon Snow. Ele nunca vos disse? Ela esteve ao nosso serviço durante anos e mais anos. Desde antes de eu nascer.

— O Jon nunca conheceu a mãe. Nem sequer sabe o seu nome. — Arya deitou a Ned um olhar desconfiado. — Conhece-la? Mesmo? — *Estará ele a trocar de mim?* — Se mentires, dou-te um murro na cara.

— Wylla foi a minha ama-de-leite — repetiu o rapaz com solenidade. — Juro-o pela honra da minha Casa.

— Tu tens uma Casa? — Aquilo era estúpido; ele era um escudeiro, é claro que tinha uma Casa. — Quem és tu?

— Senhora? — Ned fez uma expressão embaraçada. — Sou Edric Dayne, o... o Senhor de Tombastela.

Atrás deles, Gendry gemeu.

— Senhores e senhoras — proclamou, num tom de repugnância. Arya arrancou uma maçã apodrecida de um ramo de passagem e atirou-lha, fazendo-a ressaltar na sua dura cabeça de touro. — Au — disse ele. — Isso doeu. — Tacteu a pele por cima do olho. — Que tipo de senhora atira maçãs às pessoas?

— O tipo mau — disse Arya, de súbito contrita. Virou-se de novo para Ned. — Lamento não saber quem tu eras. Senhor.

— A culpa é minha, senhora. — Ele era muito bem-educado.

Jon tem uma mãe. Wylla, o nome dela é Wylla. Teria de se lembrar para lhe poder dizer da próxima vez que o visse. Perguntou a si própria se ele ainda lhe chamaria “irmãzinha”. *Já não sou assim tão zinha. Ele vai ter de me chamar outra coisa qualquer.* Quando chegasse a Correrrio, talvez pudesse escrever uma carta a Jon e contar-lhe o que Ned dissera.

— Havia um Arthur Dayne — lembrou-se. — Aquele a quem chamavam Espada da Manhã.

— O meu pai era o irmão mais velho de Sor Arthur. A Senhora Ashara era minha tia. Mas nunca a conheci. Ela atirou-se ao mar do alto da Espada Branca antes de eu nascer.

— Porque faria tal coisa? — perguntou Arya, surpreendida.

Ned fez uma expressão de desconfiança. Talvez tivesse receio que ela lhe atirasse qualquer coisa.

— O senhor vosso pai nunca falou dela? — disse. — Da Senhora Ashara Dayne, de Tombastela?

— Não. Conhecía-a?

— Antes de Robert ser rei. Ela conheceu o vosso pai e os irmãos em Harrenhal, durante o ano da falsa Primavera.

— Oh. — Arya não sabia o que mais dizer. — Mas porque foi que ela saltou para o mar?

— Tinha o coração partido.

Sansa teria suspirado e derramado uma lágrima pelo amor verdadeiro, mas Arya achava simplesmente que era uma estupidez. Mas não podia dizer isso a Ned, não podia dizer tal coisa sobre a tia do rapaz.

— Alguém lho partiu?

Ele hesitou.

— Talvez não me caiba...

— *Conta-me.*

O rapaz olhou-a desconfortavelmente.

— A minha tia Allyria diz que a Senhora Ashara e o vosso pai se apaixonaram em Harrenhal...

— Não é verdade. Ele amava a senhora minha mãe.

— Estou certo de que sim, senhora, mas...

— Era a *única* mulher que ele amava.

— Então deve ter encontrado aquele bastardo debaixo de uma folha de couve — disse Gendry atrás deles.

Arya quis ter outra maçã para fazer ressaltar na cara dele.

— O meu pai tinha *honra* — disse, zangada. — E seja como for, não estávamos a falar *contigo*. Porque é que não voltas para o Septo de Pedra e fazes tocar os estúpidos sinos daquela rapariga?

Gendry ignorou-a.

— Pelo menos o teu pai *criou* o bastardo dele; o meu não. Nem sequer sei o nome do meu pai. Algum bêbado fedorento, aposto, como os outros que a minha mãe arrastava da cervejaria para casa. Sempre que se zangava comigo, dizia “Se o teu pai estivesse aqui, batia-te até fazer sangue”. Isso é tudo o que sei dele. — Cuspiu para o chão. — Bem, se estivesse aqui agora, podia ser que eu lhe batesse *a ele* até fazer sangue. Mas está morto, parece-me, e o teu pai também está morto, portanto que importa com quem ele se deitou?

A Arya importava, embora não soubesse dizer porquê. Ned estava a tentar desculpar-se por a ter perturbado, mas ela não quis ouvir. Encostou os calcanhares ao cavalo e deixou-os aos dois para trás. Anguy, o Arqueiro, seguia alguns metros mais à frente. Quando o apanhou, disse:

— Os dorneses mentem, não mentem?

— São famosos por isso. — O arqueiro sorriu. — Mas claro que eles dizem o mesmo de nós, os da Marca, portanto aí tens. O que se passa agora? O Ned é um bom rapaz...

— Ele é só um estúpido mentiroso. — Arya abandonou o trilho, saltou um tronco apodrecido e vadeou um ribeiro, fazendo saltar água para todos os lados, ignorando os gritos dos fora-da-lei atrás de si. *Só querem contar-me mais mentiras.* Pensou em tentar fugir-lhes, mas eles eram muitos e conheciam aquelas terras bem de mais. De que servia fugir se nos apanhassem?

Por fim, foi Harwin que se pôs a seu lado.

— Onde julgais que ides, senhora? Não devíeis fugir. Há lobos nesta floresta, e coisas piores.

— Não tenho medo — disse ela. — Aquele rapaz, o Ned, disse...

— Sim, ele contou-me. A Senhora Ashara Dayne. É uma história antiga, essa. Ouvi-a uma vez em Winterfell não era ainda mais velho do que vós sois agora. — Agarrou firmemente no seu freio e virou-lhe o cavalo. — Duvido que haja nela alguma verdade. Mas se houver, qual é o problema? Quando Ned conheceu esta senhora dornesa, o irmão Brandon ainda estava vivo, e era ele o noivo da Senhora Catelyn, portanto não há nenhuma mancha na honra do vosso pai. Não há como um torneio para aquecer o sangue, e talvez algumas palavras tenham sido murmuradas numa tenda nalguma noite, quem poderá dizê-lo? Palavras ou beijos, talvez mais, mas onde está o mal? A Primavera tinha chegado, ou pelo menos era o que pensavam, e nenhum dos dois estava comprometido.

— Mas ela matou-se — disse Arya com incerteza. — O Ned diz que ela saltou de uma torre para o mar.

— É verdade — admitiu Harwin enquanto a conduzia de volta — mas foi por desgosto, aposto. Ela tinha perdido um irmão, a Espada da Manhã. — Abanou a cabeça. — Deixai isto, senhora. Estão mortos, todos eles. Deixai o assunto... e por favor, quando chegarmos a Correrrio, não digais nada sobre ele à vossa mãe.

A aldeia ficava mesmo onde Notch prometera. Abrigaram-se num estábulo de pedra cinzenta. Só restava meio telhado, mas isso era meio telhado a mais do que havia em qualquer outro edifício da aldeia. *Isto não é uma aldeia, são só pedras pretas e ossos velhos.*

— Foram os Lannister que mataram as pessoas que viviam aqui? — perguntou Arya enquanto ajudava Anguy a secar os cavalos.

— Não. — Ele apontou. — Olha como o musgo cresce alto nas pedras. Ninguém anda por aqui há muito tempo. E há uma árvore a crescer ali da parede, estás a ver? Este sítio foi passado pelo archote há muito tempo.

— Então quem foi que o fez? — perguntou Gendry.

— Hoster Tully. — Notch era um homem curvado, magro e de barba grisalha, nascido naquela zona. — Isto era a aldeia do Lord Goodbrook. Quando Correrrio declarou o apoio a Robert, Goodbrook manteve-se fiel

ao rei, portanto o Lorde Tully caiu sobre ele com fogo e espada. Depois do Tridente, o filho de Goodbrook fez a paz com Robert e o Lorde Hoster, mas isso não ajudou em nada os mortos.

Caiu um silêncio. Gendry deitou a Arya um olhar estranho, após o que lhe virou costas para escovar o cavalo. Lá fora, a chuva caía sem parar.

— Acho que precisamos de uma fogueira — declarou Thoros. — A noite é escura e cheia de terrores. E também molhada, há? Molhada de mais.

O Jack Sortudo arrancou alguma madeira de uma cocheira, enquanto Notch e Merritt juntavam palha para servir de acendalha. O próprio Thoros fez saltar a faísca, e o Limo atçou as chamas com o seu grande manto amarelo até as deixar a rugir e rodopiar. Em breve ficou quase calor dentro do estábulo. Thoros sentou-se em frente da fogueira de pernas cruzadas, devorando as chamas com os olhos, tal como fizera no topo de Coração Alto. Arya observava-o de perto, e uma vez os lábios dele moveram-se e ela julgou ouvi-lo murmurar “Correrrio”. O Limo pôs-se a andar de um lado para o outro, tossindo, com uma longa sombra a acompanhá-lo passo a passo, enquanto o Tom das Sete descalçava as botas e esfregava os pés.

— Devo estar louco para voltar a Correrrio — protestou o cantor. — Os Tully nunca deram sorte ao velho Tom. Foi aquela Lysa que me mandou pela estrada de altitude, quando os Homens de Lua me roubaram o ouro e o cavalo e também toda a roupa. Há cavaleiros no Vale que ainda contam a história de como eu cheguei a pé ao Portão Sangrento só com a harpa p’ra manter a modéstia. Eles obrigaram-me a cantar “O Rapaz do Dia do Seu Nome” e “O Rei Sem Coragem” antes de abrirem aquele portão. O meu único consolo foi que três deles morreram a rir. Nunca mais voltei ao Ninho de Águia, e também não canto “O Rei Sem Coragem”, nem por todo o ouro do Rochedo...

— *Lannister* — disse Thoros. — A rugir em vermelho e dourado. — Pôs-se em pé e foi ter com o Lorde Beric. O Limo e o Tom não perderam tempo a juntar-se-lhes. Arya não conseguiu distinguir o que estavam a dizer, mas o cantor não parava de lhe lançar olhadelas, e às tantas o Limo irritou-se tanto que esmurrou a parede. Foi então que o Lorde Beric lhe fez um gesto para que se aproximasse. Era a última coisa que queria fazer, mas Harwyn pôs-lhe uma mão no fundo das costas e empurrou-a para a frente. Arya deu dois passos e hesitou, cheia de terror.

— Senhor. — Esperou para ouvir o que o Lorde Beric diria.

— Diz-lhe — ordenou o senhor do relâmpago a Thoros.

O sacerdote vermelho acocorou-se ao seu lado.

— Senhora — disse —, o Senhor concedeu-me uma visão de Correrrio. Parecia uma ilha num mar de fogo. As chamas eram leões aos saltos

com longas garras carmesim. E como rugiam! Um mar de Lannisters, senhora. Correrrio será atacado em breve.

Arya sentiu-se como se ele a tivesse esmurrado na barriga.

— *Não!*

— Querida — disse Thoros —, as chamas não mentem. Por vezes leio-as erradamente, por ser o idiota cego que sou. Mas não desta vez, penso. Os Lannister terão em breve Correrrio sob cerco.

— Robb vencê-los-á. — Arya pôs uma expressão obstinada. — Ele há-de ganhar-lhes como ganhou da outra vez.

— O teu irmão pode ter partido — disse Thoros. — E a tua mãe também. Não os vi nas chamas. Este casamento de que a velha falou, um casamento nas Gémeas... ela tem as suas maneiras de saber das coisas. Os represeiros murmuram-lhe ao ouvido quando dorme. Se ela diz que a tua mãe partiu para as Gémeas...

Arya virou-se para Tom e Limo.

— Se não me tivésseis apanhado, podia *estar* lá. Podia estar em *casa*.

O Lorde Beric não prestou atenção àquela explosão.

— Senhora — disse, com uma cortesia fatigada —, conheceríeis o irmão do vosso avô se o vísseis? Sor Brynden Tully, chamado Peixe Negro? Poderia ele, porventura, conhecer-vos a vós?

Arya abanou a cabeça, infeliz. Ouvira a mãe falar de Sor Brynden Peixe Negro, mas se alguma vez o conhecera pessoalmente, fora quando era pequena de mais para se lembrar.

— Não há grandes hipóteses de o Peixe Negro pagar bom dinheiro por uma rapariga que não conhece — disse Tom. — Aqueles Tully são uns tipos amargos e desconfiados, o mais certo é que ele pense que lhe estamos a vender um artigo falso.

— Havemos de o convencer — insistiu o Limo Manto Limão. — *Ela* convencerá, ou então o Harwin. Correrrio fica mais perto. Sugiro que a levemos lá, que recebamos o ouro e que se lixe a rapariga.

— E se os leões nos apanharem dentro do castelo? — disse Tom. — Não há nada de que gostassem tanto como de pendurar sua senhoria do topo de Rochedo Casterly numa gaiola.

— Não tenciono ser capturado — disse o Lorde Beric. Uma última palavra pairou, por proferir, no ar. *Vivo*. Todos a ouviram, até mesmo Arya, embora ela não tivesse chegado a franquear-lhe os lábios. — Mesmo assim, não nos atrevemos a ir cegamente até lá. Quero saber onde se encontram os exércitos, quer os lobos, quer os leões. Sharna saberá alguma coisa, e o mestre do Lorde Vance saberá mais. O Solar de Bolotas não é longe daqui. A Senhora Smallwood dar-nos-á abrigo durante algum tempo enquanto enviamos batedores para investigar...

As palavras dele esbarravam nos seus ouvidos como o bater de um tambor, e de súbito Arya não conseguiu suportar mais. Desejava Correrio, não Solar de Bolotas; desejava a mãe e o irmão Robb, não a Senhora Smallwood ou um tio qualquer que nunca chegara a conhecer. Girando sobre si própria, rompeu em corrida para a porta, e quando Harwin tentou agarrar-lhe no braço, esquivou-se-lhe, rápida como uma cobra.

Fora do estábulo continuava a chover, e um relâmpago distante caiu a ocidente. Arya correu tão depressa como foi capaz. Não sabia para onde ia, sabia apenas que queria ficar sozinha, longe de todas as vozes, longe das palavras vazias deles e das suas promessas quebradas. *Tudo o que queria era ir para Correrio. A culpa era sua, por ter trazido Gendry e o Tarte Quente quando abandonara Harrenhal. Teria ficado melhor sozinha. Se estivesse sozinha, os fora-da-lei nunca a teriam apanhado, e por aquela altura já estaria com Robb e a mãe. Eles nunca foram a minha alcateia. Se o tivessem sido, não me teriam abandonado. Atravessou a chapinhar uma poça de água lamacenta. Alguém estava a gritar o seu nome. Provavelmente Harwin, ou Gendry, mas o trovão submergiu-os ao rolar por sobre os montes, meio segundo antes do relâmpago. O senhor do relâmpago, pensou, zangada. Talvez não pudesse morrer, mas podia mentir.*

Algures à sua esquerda, um cavalo relinchou. Arya não podia estar a mais de cinquenta metros do estábulo, mas já se encontrava ensopada até aos ossos. Baixou-se junto ao canto de uma das casas em ruínas, esperando que as paredes cobertas de musgo a protegessem da chuva, e quase colidiu com uma das sentinelas. Uma mão revestida de cota de malha fechou-se com força em volta do seu braço.

— Estás a *magoar-me* — disse, torcendo-se sob aquela mão. — *Larga-me*, eu ia voltar, eu...

— Voltar? — A gargalhada de Sandor Clegane era ferro a raspar em pedra. — Que se lixe isso, miúda lobo. És *minha*. — Só precisou de uma mão para a erguer do chão e a levar, esperneando, para o cavalo que o esperava. A chuva fria vergastava-os a ambos e arrastava os seus gritos, e Arya só conseguia pensar naquilo que ele lhe perguntara. *Sabes o que os cães fazem aos lobos?*

JAIME

Embora a febre resistisse teimosamente, o toco estava a sarar bem, e Qyburn dizia que o braço já não corria perigo. Jaime estava ansioso para se ir embora, para pôr Harrenhal, os Saltimbancos Sangrentos e Brienne de Tarth para trás das costas. Uma mulher a sério esperava por ele na Fortaleza Vermelha.

— Vou mandar Qyburn convosco, para cuidar de vós durante a viagem até Porto Real — disse Roose Bolton na manhã da partida. — Ele acarinha a esperança de que o vosso pai se mostre suficientemente grato para forçar a Cidadela a devolver-lhe a corrente.

— Todos acarinhámos esperanças. Se me fizer crescer uma mão nova, o meu pai fará dele Grande Mestre.

O Walton Pernas d'Aço comandava a escolta de Jaime; sem papas na língua, brusco, brutal, no íntimo um simples soldado. Jaime servira a vida inteira com aquele tipo de homem. Homens como Walton matariam às ordens do seu senhor, violariam quando o sangue lhes fervesse após a batalha, e entregar-se-iam ao saque sempre que possível, mas após a guerra terminada, voltariam para suas casas, trocariam as lanças por enxadas, casariam com as filhas dos vizinhos, e criariam uma matilha de filhos ruidosos. Homens daqueles obedeciam sem questionar, mas a profunda crueldade maligna dos Bravos Companheiros não fazia parte da sua natureza.

Ambos os grupos abandonaram Harrenhal na mesma manhã, sob um céu frio e cinzento que prometia chuva. Sor Aenys Frey pusera-se em marcha três dias antes, avançando para nordeste em direcção à Estrada de Rei. Bolton tencionava segui-lo.

— O Tridente está em cheia — disse a Jaime. — A travessia será difícil, mesmo no vau rubi. Dareis as minhas cordiais saudações ao vosso pai?

— Desde que deis as minhas a Robb Stark.

— Fá-lo-ei.

Alguns Bravos Companheiros tinham-se reunido no pátio para assistir à partida. Jaime foi a trote até junto deles.

— Zollo. Que bondade a tua vires despedir-te de mim. Pyg. Timeon. Sentireis saudades minhas? Não há um último gracejo para nos rirmos, Shagwell? Para aligeirar o meu caminho pela estrada fora? E, Rorge, vieste dar-me um beijo de despedida?

— Desaparece, aleijado — disse Rorge.

— Já que tanto insistes. Mas sossega, regressarei. Um Lannister paga sempre as suas dívidas. — Jaime deu meia-volta ao cavalo e voltou a juntar-se a Walton Pernas d'Aço e aos seus duzentos homens.

O Lorde Bolton ataviara-o como um cavaleiro, preferindo ignorar a mão em falta que transformava um tal vestuário guerreiro em caricatura. Jaime seguia com espada e punhal ao cinto, escudo e elmo pendurados da sela, cota de malha sob um sobretudo castanho-escuro. Não era um idiota tão grande, porém, que exibisse o leão de Lannister nas suas armas, nem o brasão branco puro que era seu de direito como Irmão Ajuramentado da Guarda Real. Encontrara no armeiro um velho escudo, amolgado e fendido, cuja tinta lascada ainda exibia a maior parte do grande morcego negro da Casa Lothston num campo de prata e ouro. Os Lothston tinham sido os donos de Harrenhal antes dos Whent e foram uma família poderosa nos seus dias, mas estavam mortos há séculos, portanto não era provável que alguém levantasse objecções a ele usar as suas armas. Não seria primo de ninguém, inimigo de ninguém, espada ajuramentada a ninguém... em suma, não seria ninguém.

Saíram através do portão oriental de Harrenhal, mais pequeno, e despediram-se de Roose Bolton e da sua hoste seis milhas adiante, virando para sul a fim de seguir a estrada do lago durante algum tempo. Walton tencionava evitar a Estrada de Rei enquanto pudesse, preferindo os caminhos de agricultores e os trilhos de caça perto do Olho de Deus.

— A Estrada de Rei seria mais rápida. — Jaime estava ansioso por regressar a Cersei tão depressa quanto possível. Se se apressassem, até poderia chegar a tempo do casamento de Joffrey.

— Não quero sarilhos — disse o Pernas d'Aço. — Só os deuses sabem quem íamos encontrar nessa Estrada de Rei.

— Ninguém que pudésseis temer, certamente? Tendes duzentos homens.

— Pois tenho. Mas outros podem ter mais. O s'nhor disse p'ra vos levar a salvo ao s'nhor vosso pai, e é isso que eu vou fazer.

Já passei por aqui, reflectiu Jaime algumas milhas mais à frente, quando passaram por um moinho deserto junto ao lago. Agora cresciam ervas daninhas no local de onde a filha do moleiro lhe sorrira timidamente e o próprio moleiro lhe gritara "O torneio é para o outro lado, sor". *Como se eu não soubesse*.

O Rei Aerys fizera um grande espectáculo da investidura de Jaime. Proferira os votos perante o pavilhão real, ajoelhado na erva verde com a sua armadura branca enquanto metade do reino o observava. Quando Sor Gerald Hightower o ajudara a erguer-se e colocara o manto branco em torno dos seus ombros, ressoara uma aclamação tal que Jaime ainda a recor-

dava, todos estes anos passados. Mas nessa mesma noite Aerys amargara, declarando que não precisava de *sete* membros da Guarda Real ali em Harrenhal. Fora ordenado a Jaime que regressasse a Porto Real para proteger a rainha e o pequeno Príncipe Viserys, que tinham ficado para trás. Mesmo quando o Touro Branco se oferecera para desempenhar esse dever, a fim de que Jaime pudesse competir no torneio do Lorde Whent, Aerys recusara.

— Ele não conquistará aqui nenhuma glória — dissera o rei. — Agora é meu, não de Tywin. Servirá como eu bem entender. O rei sou eu. Eu governo, e ele obedecerá.

Fora então que Jaime compreendera pela primeira vez. Não fora a sua perícia com a espada e a lança que lhe conquistara o manto branco, nem quaisquer feitos de valor que teria realizado contra a Irmandade da Mataderrei. Aerys escolhera-o para vexar o seu pai, para roubar o herdeiro ao Lorde Tywin.

Mesmo agora, tantos anos depois, a ideia era amarga. E naquele dia, enquanto cavalgava para sul com o seu novo manto branco sobre os ombros, a fim de defender um castelo vazio, fora quase intolerável. Nesse momento teria arrancado o manto se o pudesse fazer, mas era tarde de mais. Proferira as palavras sob os olhares de metade do reino, e um homem da Guarda Real servia para a vida inteira.

Qyburn pôs-se a seu lado.

— A mão está a incomodar-vos?

— A falta da mão está a incomodar-me. — As manhãs eram a pior altura. Nos seus sonhos, Jaime era um homem completo, e todas as madrugadas ficava deitado, meio acordado, e sentia os dedos a mexer. *Foi um pesadelo*, sussurrava uma parte de si, recusando-se a acreditar, mesmo agora, *só um pesadelo*. Mas depois abria os olhos.

— Ouvi dizer que tivestes uma visita ontem à noite — disse Qyburn. — Espero que tenhais desfrutado dela?

Jaime deitou-lhe um olhar frio.

— Ela não disse quem a tinha enviado.

O Mestre sorriu com modéstia.

— A vossa febre estava praticamente debelada, e pensei que talvez gostásseis de um pouco de exercício. A Pia é bastante habilidosa, não achais? E tão... solícita.

Ela certamente que o fora. Deslizara tão depressa pela porta dentro e das roupas para fora que Jaime julgara que ainda estava a sonhar.

Só despertara depois de a mulher se enfiar debaixo das mantas e lhe colocar a mão boa sobre um seio. *E também era uma coisinha bonita*.

— Eu não passava duma miudinha quando viestes ao torneio do Lorde Whent e o rei vos deu o manto — confessara. — Éreis tão bem-parecido

todo de branco, e todos elogiavam o bravo cavaleiro que éreis. Por vezes, quando estou com algum homem, fecho os olhos e finjo que sois vós quem ali está em cima de mim, com a vossa pele lisa e caracóis dourados. Mas nunca pensei realmente que vos teria.

Depois daquilo, mandá-la embora não fora fácil, mas Jaime fizera-o mesmo assim. *Tenho uma mulher*, recordara a si próprio.

— Mandais raparigas a todos os homens que sangrais? — perguntou a Qyburn.

— É mais frequente que seja o Lorde Vargo que as manda a mim. Gosta que eu as examine antes de... bem, basta que vos diga que uma vez amou insensatamente, e não deseja voltar a fazê-lo. Mas nada temei, Pia é bastante saudável. Tal como a vossa donzela de Tarth.

Jaime deitou-lhe um olhar penetrante.

— Brienne?

— Sim. Rapariga forte, essa. E ainda tem a virgindade intacta. Até à noite passada, pelo menos. — Qyburn soltou um risinho.

— Ele mandou-vos examiná-la?

— Com certeza. É... exigente, digamos.

— Isto diz respeito ao resgate? — perguntou Jaime. — O pai dela exige uma prova de que a rapariga continua donzela?

— Não ouvistes as novidades? — Qyburn encolheu os ombros. — Recebemos uma ave do Lorde Selwyn. Em resposta à minha. A Estrela da Tarde oferece trezentos dragões pela devolução da filha em segurança. Eu tinha dito ao Lorde Vargo que não havia safiras em Tarth, mas ele não quis dar-me ouvidos. Está convencido de que a Estrela da Tarde pretende enganá-lo.

— Trezentos dragões é um bom resgate por um cavaleiro. O bode devia aceitar o que lhe oferecerem.

— O bode é Senhor de Harrenhal, e o Senhor de Harrenhal não re-gateia.

A novidade irritou-o, se bem que provavelmente devesse ter previsto aquilo. *A mentira poupou-te durante algum tempo, rapariga. Fica grata por isso.*

— Se a virgindade dela for tão dura como o resto, o bode vai partir a picha ao tentar entrar — gracejou. Jaime calculava que Brienne fosse suficientemente dura para sobreviver a algumas violações, embora Vargo Hoat pudesse começar a cortar-lhe mãos e pés se a rapariga resistisse com demasiado vigor. *E se o fizer, porque hei-de importar-me? Ainda podia ter a mão se ela me tivesse deixado ficar com a espada do meu primo sem se pôr estúpida.* Ele próprio quase lhe cortara a perna com o seu primeiro golpe, mas depois a rapariga dera-lhe mais do que desejara. *O Hoat pode não conhecer a força*

anormal que ela tem. É melhor que tenha cuidado, senão ela parte-lhe aquele pescoço magricela. E que agradável que isso seria.

A companhia de Qyburn estava a fartá-lo. Jaime trotou até à cabeça da coluna. Um carrapatozinho redondo de um nortenho com o nome de Nage ia à frente do Pernas d'Aço com o estandarte de paz; uma bandeira às riscas arco-íris com sete longas pontas, numa haste encimada por uma estrela de sete pontas.

— Vós, os nortenhos, não devíeis ter uma espécie diferente de bandeira de paz? — perguntou a Walton. — Que são os Sete para vós?

— Deuses do Sul — disse o homem — mas aquilo de que precisamos é duma paz do Sul para vos levar a salvo ao vosso pai.

O meu pai. Jaime gostaria de saber se o Lorde Tywin recebera a exigência de resgate do bode, acompanhada ou não da mão apodrecida. *Quanto vale um espadachim sem a sua mão da espada? Metade do ouro de Rochedo Casterly? Trezentos dragões? Ou nada?* O pai nunca se deixara influenciar indevidamente pelo sentimento. O pai de Tywin Lannister, o Lorde Tytos, aprisionara uma vez um vassalo indisciplinado, o Lorde Tarbeck. A temível Senhora Tarbeck respondera aprisionando três Lannister, incluindo o jovem Stafford, cuja irmã estava prometida ao primo Tywin.

— Enviai-me o meu senhor e amor, senão estes três responderão por qualquer mal que lhe aconteça — escrevera a mulher para o Rochedo Casterly. O jovem Tywin sugerira que o pai lhe fizesse a vontade mandando de volta o Lorde Tarbeck em três bocados. Mas o Lorde Tytos era de um tipo mais brando de leão, e a Senhora Tarbeck conquistara mais alguns anos com o seu estúpido senhor, e Stafford casara, gerara prole, e continuara a disparatar até Cruzaboi. Mas Tywin Lannister perdurara, eterno como o Rochedo Casterly. *E agora tendes um filho aleijado a somar ao anão, senhor. Como detestareis esse facto...*

A estrada levou-os a atravessar uma aldeia queimada. Devia ter passado um ano ou mais desde que o sítio fora entregue ao archote. Os casebres estavam enegrecidos e sem telhados, mas as ervas daninhas que cresciam nos campos em volta davam pela cintura. O Pernas d'Aço fez alto para permitir que dessem água aos cavalos. *Também conheço este lugar,* pensou Jaime enquanto esperava junto do poço. Houvera uma pequena estalagem no local onde apenas se erguiam agora algumas pedras de fundações e uma chaminé, e ele entrara para beber uma cerveja. Uma criada de olhos escuros trouxera-lhe queijo e maçãs, mas o estalajadeiro recusara o seu dinheiro.

— É uma honra ter um cavaleiro da Guarda Real debaixo do meu tecto, sor — dissera o homem. — É uma história que hei-de contar aos meus netos. — Jaime olhou para a chaminé que se projectava por entre as ervas daninhas e perguntou a si próprio se o homem teria arranjado esses

netos. *Ter-lhes-á dito que um dia o Regicida bebeu da sua cerveja e comeu do seu queijo e maçãs, ou terá tido vergonha de admitir que alimentou um homem como eu?* Não que algum dia chegasse a saber; quem quer que tivesse incendiado a estalagem provavelmente matara também os netos.

Sentiu os dedos fantasma apertar-se. Quando o Pernas d'Aço disse que talvez devessem acender uma fogueira e comer um pouco, Jaime abanou a cabeça.

— Não gosto deste lugar. Prosseguimos.

Ao cair da noite tinham deixado o lago para seguir um trilho sulcado através de um bosque de carvalhos e ulmeiros. O coto de Jaime latejava surdamente quando o Pernas d'Aço decidiu acampar. Qyburn trouxera um odre de vinho de sonhos, felizmente. Enquanto Walton distribuía os turnos de vigia, Jaime estendeu-se junto à fogueira e encostou uma pele de urso enrolada a um toco de árvore para servir de almofada. A rapariga ter-lhe-ia dito que tinha de comer antes de dormir, para manter as forças, mas ele sentia mais cansaço do que fome. Fechou os olhos e esperou sonhar com Cersei. Os sonhos febris eram todos tão vívidos...

Achou-se nu e sozinho, rodeado de inimigos, com uma muralha de pedra a toda a volta, deixando-lhe pouco espaço. *O Rochedo*, compreendeu. Sentia o seu imenso peso por cima da cabeça. Estava em casa. Estava em casa e inteiro.

Ergueu a mão direita e flectiu os dedos para sentir a sua força. Era tão bom como sexo. Tão bom como lutar de espada na mão. *Quatro dedos e um polegar*. Sonhara que estava estropiado, mas não era verdade. O alívio entonteceu-o. *A minha mão, a minha mão boa*. Nada lhe faria mal, desde que estivesse inteiro.

À sua volta encontrava-se uma dúzia de vultos altos e escuros, vestidos com togas encapuzadas que lhes escondiam os rostos. Nas mãos transportavam lanças.

— Quem sois vós? — perguntou-lhes em tom de desafio. — Que quereis de Rochedo Casterly?

As sombras não deram resposta, limitando-se a aguilhoá-lo com as pontas das lanças. Não teve alternativa a descer. Seguiram por uma passagem que se encurvava, com degraus estreitos esculpidos na rocha viva, para baixo e mais para baixo. *Tenho de ir para cima*, disse a si próprio. *Para cima, não para baixo. Porque estou a descer?* Por baixo da terra esperava a sua perdição, soube-o com a certeza do sonho; algo de escuro e terrível esperava aí, algo que o desejava. Jaime tentou parar, mas as lanças obrigaram-no a prosseguir. *Se ao menos tivesse a espada, nada me poderia fazer mal*.

Os degraus terminaram abruptamente numa escuridão cheia de ecos. Jaime teve a sensação de um vasto espaço à sua frente. Parou de sú-

bito, baloiçando na borda do nada. Uma ponta de lança espetou-se-lhe no fundo das costas, atirando-o para o abismo. Gritou, mas a queda foi curta. Caiu sobre as mãos e joelhos, em areia mole e água pouco profunda. Havia cavernas cheias de água muito por baixo de Rochedo Casterly, mas aquela era-lhe estranha.

— O teu lugar. — A voz ecoou; era uma centena de vozes, um milhar, as vozes de todos os Lannister desde Lann, o Esperto, que vivera na aurora dos dias. Mas acima de tudo era a voz do seu pai, e ao lado do Lorde Tywin encontrava-se a irmã, pálida e bela, com um archote a arder na mão. Joffrey, o filho que tinham feito juntos, também lá se encontrava, e atrás deles havia mais uma dúzia de silhuetas escuras com cabelo dourado.

— Irmã, porque foi que o pai nos trouxe para aqui?

— “Nos”? Este lugar é teu, irmão. Esta escuridão é tua. — O archote dela era a única luz na caverna. O archote dela era a única luz no mundo. Virou-se para se ir embora.

— Fica comigo — suplicou Jaime. — Não me deixes aqui sozinho. — Mas eles estavam a partir. — *Não me deixeis no escuro!* — Algo terrível vivia lá em baixo. — Dai-me ao menos uma espada.

— Eu dei-te uma espada — disse o Lorde Tywin.

Estava a seus pés. Jaime procurou às apalpadelas por baixo de água até que a mão se lhe fechou em torno do cabo. *Nada me pode fazer mal desde que tenha uma espada.* Ao erguer a arma, um dedo de uma chama pálida tremeluziu na ponta e avançou ao longo do gume, parando a uma mão travessa do cabo. O fogo tomara a cor do próprio aço, por isso ardia com uma luz azul-prateada, e as sombras afastaram-se. Inclinando-se, à escuta, Jaime descreveu um círculo, pronto para qualquer coisa que pudesse saltar das trevas. A água entrou-lhe nas botas até aos tornozelos, terrivelmente fria. *Cuidado com a água,* disse a si próprio. *Podem haver criaturas a viver nela, poços escondidos...*

De trás veio um grande chapão. Jaime rodopiou para o som... mas a ténue luz revelou apenas Brienne de Tarth, com as mãos presas por pesadas correntes.

— Jurei manter-vos a salvo — disse teimosamente a rapariga. — Fiz um juramento. — Nua, ergueu as mãos para Jaime. — Sor. Por favor. Se tivésseis a bondade.

Os elos de aço rasgaram-se como seda.

— Uma espada — suplicou Brienne, e ali estava ela, com bainha, cinto e tudo. Afivelou-o em torno da sua grossa cintura. A luz era tão ténue que Jaime quase não a conseguia ver, embora não estivessem afastados mais do que escassas dezenas de centímetros. *A esta luz, ela podia quase ser uma bel-dade,* pensou. *A esta luz, ela podia quase ser um cavaleiro.* A espada de Brienne

também se incendiou, ardendo com um azul-prateado. As trevas recuaram um pouco mais.

— As chamas arderão enquanto viveres — ouviu ele Cersei gritar. — Quando morrerem, tu também terás de morrer.

— *Irmã!* — gritou. — Fica comigo. *Fica!* — Não houve resposta além do som suave de passos que se afastavam.

Brienne moveu a sua espada de um lado para o outro, observando as chamas prateadas a tremular e cintilar. Sob os seus pés, um reflexo da lâmina em chamas brilhava na superfície da água negra e lisa. Ela era tão alta e forte como a recordava, mas pareceu a Jaime que agora tinha mais formas de mulher.

— Eles têm um urso lá em baixo? — Brienne estava em andamento lento e cuidadoso, de espada na mão; um passo, virar e escutar. Cada passo fazia um pequeno esparrinhar. — Um leão das cavernas? Lobos gigantes? Um urso? Dizei-me, Jaime. O que vive aqui? O que vive nas trevas?

— A perdição. — *Não é um urso*, soube ele. *Não é um leão*. — Só a perdição.

À fria luz azul-prateada das espadas, a grande rapariga parecia pálida e feroz.

— Não gosto deste sítio.

— Eu próprio não o aprecio. — As lâminas criavam pequenas ilhas de luz, mas em volta estendia-se um mar de escuridão, sem fim. — Tenho os pés molhados.

— Podíamos regressar pelo caminho por onde nos trouxeram. Se trepásseis para os meus ombros, não teríeis dificuldade em alcançar a abertura do túnel.

Então poderia encontrar Cersei. Sentiu-se a endurecer com aquele pensamento, e virou-se para que Brienne não reparasse.

— Escutai. — Ela pousou uma mão no seu ombro e ele estremeceu com o súbito toque. *Ela está quente*. — Vem aí alguma coisa. — Brienne ergueu a espada para apontar para a esquerda. — Ali.

Jaime espreitou as sombras até que também ele conseguiu ver. Algo se movia pelas trevas, mas não conseguia distinguir o que seria...

— Um homem a cavalo. Não, dois. Dois cavaleiros, lado a lado.

— Aqui, por baixo do Rochedo? — Não fazia sentido. E no entanto ali vinham dois cavaleiros, montados em cavalos de cor clara, tanto os homens como as montadas revestidos de armaduras. Os cavalos de batalha emergiram do negrume a passo lento. *Eles não fizeram nenhum som*, apercebeu-se Jaime. *Nenhum esparrinhar, nenhum tinir de malha ou ruído de casco*. Recordou Eddard Stark, a percorrer a cavalo todo o comprimento da sala

do trono de Aerys, envolto em silêncio. Só os seus olhos tinham falado; uns olhos de senhor, frios, cinzentos e cheios de julgamento.

— És tu, Stark? — gritou Jaime. — Vem daí. Nunca te temi vivo, não te temo morto.

Brienne tocou-lhe o braço.

— Há mais.

Ele também os viu. Parecia-lhe que estavam todos couraçados de neve, e farrapos de névoa fluíam em torvelinhos dos seus ombros. As viseiras dos seus elmos estavam fechadas, mas Jaime Lannister não precisava de contemplar os seus rostos para os reconhecer.

Cinco tinham sido seus irmãos. Oswell Whent e Jon Darry. Lewyn Martell, um príncipe de Dorne. O Touro Branco, Gerold Hightower. Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã. E junto a eles, coroado em névoa e desgosto com o seu longo cabelo a fluir-lhe pelas costas, seguia Rhaegar Targaryen, Príncipe de Pedra do Dragão e legítimo herdeiro do Trono de Ferro.

— Não me assustais. — Gritou, girando, quando eles se dividiram e o rodearam por dois lados. Não sabia para que lado se virar. — Lutarei convosco um por um ou todos ao mesmo tempo. Mas com quem há-de a rapariga duelar? Ela zanga-se quando é posta de lado.

— Prestei o juramento de o manter em segurança — disse ela à sombra de Rhaegar. — Prestei um juramento sagrado.

— Todos nós prestámos juramentos — disse Sor Arthur Dayne, num tom tristíssimo.

As sombras desmontaram dos seus fantasmagóricos cavalos. Quando puxaram pelas espadas, não fizeram um som.

— Ele ia queimar a cidade — disse Jaime. — Para não deixar a Robert nada além de cinzas.

— Ele era o vosso rei — disse Darry.

— Jurastes mantê-lo a salvo — disse Whent.

— E às crianças, a elas também — disse o Príncipe Lewyn.

O Príncipe Rhaegar ardia com uma luz fria, ora branca, ora vermelha, ora escura.

— Eu deixei a minha esposa e filhos nas vossas mãos.

— Nunca pensei que ele lhes fizesse mal. — A espada de Jaime emitia agora menos luz. — Eu estava com o rei...

— A matar o rei — disse Sor Arthur.

— A cortar-lhe a garganta — disse o Príncipe Lewyn.

— O rei por quem tínheis jurado morrer — disse o Touro Branco.

Os fogos que corriam ao longo da lâmina estavam a apagar-se, e Jaime lembrou-se daquilo que Cersei dissera. *Não*. O terror cerrou-lhe uma

mão em volta da garganta. Então a sua espada escureceu, e só a de Brienne continuava a arder enquanto os fantasmas o atacavam.

— Não — disse —, não, não, não. *Nãããããããããã!*

Com o coração aos saltos, acordou de chofre e deu por si no meio da escuridão estrelada, no interior de um grupo de árvores. Sentia o sabor de bÍlis na boca, e tremia, encharcado em suor, ao mesmo tempo quente e frio. Quando olhou para a mão da espada, viu que o punho terminava em couro e linho, bem apertado em volta de um coto feio. Sentiu que súbitas lágrimas lhe subiam aos olhos. *Senti, senti a força nos meus dedos e o couro áspero do cabo da espada. A minha mão...*

— Senhor. — Qyburn ajoelhou ao seu lado, com a cara paternal toda enrugada de preocupação. — Que se passa? Ouvi-vos gritar.

O Walton Pernas d'Aço estava em pé por cima deles, alto e severo.

— Que se passa? Porque foi que gritastes?

— Um sonho... só um sonho. — Jaime fitou o acampamento que o rodeava, momentaneamente desorientado. — Estava no escuro, mas tinha a minha mão de volta. — Olhou para o coto e sentiu-se de novo doente. *Não há um lugar como aquele por baixo do Rochedo*, pensou. Sentia o estômago dorido e vazio, e a cabeça latejava no local onde a encostara ao toco de árvore.

Qyburn pôs-lhe a mão na testa.

— Ainda tendes um pouco de febre.

— Um sonho febril. — Jaime estendeu a mão para cima. — Ajudai-me. — O Pernas d'Aço pegou-lhe na mão boa e pô-lo em pé.

— Outra taça de vinho de sonhos? — perguntou Qyburn.

— Não. Já sonhei quanto baste por esta noite. — Perguntou a si próprio quanto tempo faltaria até à alvorada. De algum modo sabia que se fechasse os olhos, voltaria àquele lugar escuro e húmido.

— Então leite da papoila? E alguma coisa para a febre? Ainda estais fraco, senhor. Tendes de dormir. De descansar.

Isso é a última coisa que tenciono fazer. O luar cintilava, pálido, no toco de árvore sobre o qual Jaime descansara a cabeça. O musgo cobria-o de tal forma que antes não notara, mas via agora que a madeira era branca. Fê-lo pensar em Winterfell, e na árvore-coração de Ned Stark. *Não era ele*, pensou. *Nunca foi ele.* Mas o toco estava morto, e o Stark também, bem como todos os outros, o Príncipe Rhaegar, Sor Arthur e as crianças. *E Aerys. Aerys é o mais morto de todos.*

— Acreditais em fantasmas, Mestre? — perguntou a Qyburn.

A cara do homem adoptou uma expressão estranha.

— Uma vez, na Cidadela, entrei numa sala vazia e vi uma cadeira vazia. E no entanto sabia que uma mulher tinha aí estado só um momento

antes. A almofada estava comprimida onde ela se sentara, o tecido ainda estava quente e o seu cheiro permanecia no ar. Se deixamos os nossos cheiros atrás de nós quando saímos de uma sala, decerto que parte das nossas almas deve permanecer quando deixamos esta vida? — Qyburn estendeu as mãos. — Mas os arquimeistres não gostavam da minha forma de pensar. Bem, Marwyn gostava, mas era o único.

Jaime passou os dedos pelo cabelo.

— Walton — disse —, sela os cavalos. Quero voltar.

— Voltar? — O Pernas d'Aço olhou-o com uma expressão de dúvida.

Ele julga que enlouqueci. E talvez tenha enlouquecido.

— Deixei uma coisa em Harrenhal.

— É o Lorde Vargo quem detém agora o castelo. Ele e os seus Saltimbancos Sangrentos.

— Tens o dobro dos homens que ele tem.

— Se não vos entregar ao vosso pai conforme ordenado, o Lorde Bolton arranca-me a pele. Continuamos para Porto Real.

Em tempos, Jaime poderia ter replicado com um sorriso e uma ameaça, mas aleijados manetas não inspiram muito medo. Perguntou a si próprio o que o irmão faria. *Tyrion encontraria uma saída.*

— Os Lannister mentem, Pernas d'Aço. O Lorde Bolton não te disse isso?

O homem franziu o sobrolho, desconfiado.

— E se tivesse dito?

— Se não me levores de volta a Harrenhal, a canção que vou cantar ao meu pai poderá não ser aquela que o Senhor do Forte do Pavor gostaria de ouvir. Posso até dizer que foi Bolton quem ordenou que a minha mão fosse cortada, e o Walton Pernas d'Aço quem manejou a lâmina.

Walton olhou-o de boca aberta.

— Isso não é verdade.

— Pois não, mas o meu pai acreditará em quem? — Jaime obrigou-se a sorrir, da maneira como costumava sorrir quando nada no mundo o podia assustar. — Seria tão mais fácil se voltássemos simplesmente para trás. Estaríamos bem depressa de novo a caminho, e eu cantaria uma canção tão simpática em Porto Real que nem acreditarias nos teus ouvidos. Ficarias com a rapariga, e uma bela e gorda bolsa de ouro como agradecimento.

— Ouro? — Walton gostou bastante dessa ideia. — Quanto ouro?

É meu.

— Ora, quanto queres?

E quando o valor foi acordado, já estavam a meio caminho de Harrenhal.

Jaime puxou muito mais pelo cavalo do que no dia anterior, e o Pernas d'Aço e os nortenhos foram obrigados a acompanhar-lhe o ritmo. Mesmo assim, passou-se o meio-dia antes de chegarem ao castelo que se debruçava sobre o lago. Sob um céu que escurecia e ameaçava chuva, as imensas muralhas e as cinco grandes torres mostravam-se negras e sinistras. *Parece tão morto*. As muralhas estavam vazias, os portões fechados e trancados. Mas bem alto, acima da barbacã, um único estandarte pendia, enrolado sobre si próprio. *A cabra negra de Qohor*, soube Jaime. Pôs as mãos em volta da boca para gritar.

— Vós aí! Abri os portões, senão deito-os abaixo ao pontapé!

Foi só quando Qyburn e o Pernas d'Aço somaram as vozes à sua que uma cabeça finalmente surgiu nas ameias lá em cima. O homem arregalou-lhe os olhos, e depois desapareceu. Pouco tempo depois, ouviram a porta levadiça a ser içada. Os portões abriram-se, e Jaime Lannister espo-reou o cavalo para atravessar a muralha, quase sem deitar um relance aos alçapões enquanto passava por baixo. Tinha-se vindo a preocupar com a possibilidade de o bode não os deixar entrar, mas parecia que os Bravos Companheiros ainda pensavam neles como aliados. *Idiotas*.

O pátio exterior encontrava-se deserto; só os longos estábulos com telhados de lousa mostravam sinais de vida, e o que interessava a Jaime naquele momento não eram cavalos. Puxou as rédeas e olhou em volta. Ouvia ruídos vindos de algures atrás da Torre dos Fantasmas, e homens a gritar em meia dúzia de línguas. O Pernas d'Aço e Qyburn aproximaram-se e pararam junto a Jaime, um de cada lado.

— Ide buscar o que viestes buscar, e vamo-nos de novo embora — disse Walton. — Não quero sarilhos com os Saltimbancos.

— Diz aos teus homens para manter as mãos nos cabos das espadas, e os Saltimbancos não quererão sarilhos contigo. Dois para um, lembra-te? — A cabeça de Jaime virou-se vivamente ao ouvir um rugido distante, ténue mas feroz. Ecoou nas muralhas de Harrenhal, e as gargalhadas subiram como o mar. De súbito, compreendeu o que estava a acontecer. *Teremos chegado tarde de mais?* O seu estômago deu um solavanco, e ele espetou com força as esporas no cavalo, atravessando a galope o pátio exterior, passando sob uma ponte de pedra em arco, rodeando a Torre dos Lamentos e cruzando o Pátio das Lâminas.

Tinham-na na arena dos ursos.

O Rei Harren, o Negro, quisera fazer até as lutas de ursos em estilo sumptuoso. A arena tinha dez metros de diâmetro e cinco de profundidade, era fechada por muros de pedra, possuía um chão de areia e era rodeada por seis fileiras de bancos de mármore. Ao desmontar desajeitadamente do cavalo, Jaime viu que os Bravos Companheiros enchiam apenas um quarto

dos lugares. Os mercenários estavam tão absorvidos pelo espectáculo, lá em baixo, que só aqueles que se encontravam do outro lado da arena notaram a sua chegada.

Brienne usava o mesmo vestido que usara para jantar com Roose Bolton e que tão mal lhe ficava. Nada de escudo, nada de placa de peito, nada de cota de malha, nem mesmo couro fervido, só cetim cor-de-rosa e renda de Myr. O bode talvez pensasse que era mais divertida quando estava vestida de mulher. Metade do vestido pendia em farrapos, e o braço esquerdo sangrava onde o urso a arranhara.

Pelo menos deram-lhe uma espada. A rapariga pegava-lhe com uma mão, movendo-se de lado, tentando colocar alguma distância entre si e o urso. *Não resultará, a arena é pequena de mais.* Ela tinha de atacar, de pôr rapidamente fim àquilo. Bom aço era adversário à altura para qualquer urso. Mas a rapariga parecia com medo de se aproximar. Os Saltimbancos faziam chover sobre ela insultos e sugestões obscenas.

— Isto não nos diz respeito — preveniu o Pernas d'Aço a Jaime. — O Lorde Bolton disse que a rapariga era deles para fazerem com ela o que lhes apetecesse.

— O nome dela é Brienne. — Jaime desceu os degraus, passando por uma dúzia de mercenários surpreendidos. Vargo Hoat ocupara o camarote do senhor, na fila de baixo. — Lorde Vargo — chamou por sobre os gritos.

O qohorik quase cuspiu o vinho.

— *Regifida?* — Tinha uma ligadura desajeitada no lado esquerdo da cara e o linho que lhe cobria a orelha estava manchado de sangue.

— Tirai-a dali.

— Não vof metaif nifto, Regifida, a menof que queiraif outro coto. — Brandiu uma taça de vinho. — O voffo alfe fêmea arrancou-me uma orelha à dentada. Pouco admira que o pai não queira refgatar um monf-trengo deftes.

Um rugido fez Jaime virar-se. O urso tinha dois metros e quarenta de altura. *Gregor Clegane com pelagem,* pensou, *embora provavelmente mais esperto.* O animal não tinha o alcance da Montanha com aquela sua monstruosa espada, porém.

Berrando de fúria, o urso mostrou uma boca cheia de grandes dentes amarelos, e depois voltou a cair de quatro e arremeteu directamente contra Brienne. *Aí está a tua oportunidade,* pensou Jaime. *Ataca! Agora!*

Mas em vez disso, ela picou-o ineficazmente com a ponta da espada. O urso recuou, e avançou logo de seguida, urrando. Brienne deslizou para a esquerda e voltou a lançar uma estocada à cara do urso. Desta vez, ele ergueu uma pata para afastar a espada com uma pancada.

Ele está cauteloso, apercebeu-se Jaime. *Já foi posto a defrontar outros ho-*

mens. Sabe que espadas e lanças podem feri-lo. Mas isso não o manterá afastado dela por muito tempo.

— Mata-o! — gritou, mas a sua voz perdeu-se no meio de todos os outros gritos. Se Brienne ouviu, não deu sinal. Moveu-se em volta da arena, mantendo as costas viradas para o muro. *Perto de mais. Se o urso a encurralar contra o muro...*

O animal virou-se desajeitadamente, demasiado longe e depressa de mais. Rápida como uma gata, Brienne mudou de direcção. *Aí está a rapariga de que me lembro.* Deu um salto em frente para atirar um golpe às costas do urso. Rugindo, a fera voltou a erguer-se nas patas traseiras. Brienne afastou-se precipitadamente. *Onde está o sangue?* Então, de súbito, compreendeu.

— Deste-lhe uma espada de torneio.

O bode zurrou uma gargalhada, fazendo chover sobre Jaime vinho e cuspo.

— Claro que fim.

— *Eu pago o maldito resgate dela. Ouro, safiras, o que quiseres. Tira-a dali.*

— Querei-la? Ide bufcá-la.

E foi o que ele fez.

Jaime pôs a mão boa no parapeito de mármore e saltou por cima, rolando ao atingir a areia. O urso virou-se ao ouvir o *bonc*, farejando, observando este novo intruso com precaução. Jaime apoiou-se num joelho. *Bem, e o que é que, com os sete infernos, eu faço agora?* Encheu o punho de areia.

— Regicida? — ouviu Brienne a dizer, estupefacta.

— Jaime. — Desdobrou-se, atirando a areia à cara do urso. O animal atirou uma sapatada ao ar e rugiu como brasas.

— Que estais vós a *fazer* aqui?

— Uma estupidez. Põe-te atrás de mim. — Descreveu um círculo na direcção dela, colocando-se entre Brienne e o urso.

— Ponde-vos vós atrás. Eu tenho a espada.

— Uma espada sem ponta e sem gume. *Põe-te atrás de mim!* — Viu uma coisa meio enterrada na areia e apanhou-a com a mão boa. O objecto revelou ser um maxilar humano, ainda com um pouco de carne esverdeada agarrada ao osso, repleto de larvas. *Encantador*, pensou, perguntando a si próprio de quem seria a cara que tinha na mão. O urso aproximava-se lentamente, e Jaime deu um sacão com o braço e atirou osso, carne e larvas à cabeça do urso. Falhou por um bom metro. *Devia cortar também a mão esquerda, de tão útil que ela me é.*

Brienne tentou precipitar-se em volta dele, mas Jaime deu-lhe um pontapé nas pernas e fê-la desequilibrar-se. A rapariga caiu na areia, agarra-

da à espada inútil. Jaime escarrapachou-se em cima dela, e o urso carregou sobre ambos.

Ouviu-se um profundo *tuang*, e uma haste com penas brotou de súbito de sob o olho esquerdo da fera. Sangue e saliva escorreram-lhe da boca aberta, e outro dardo acertou-lhe na pata. O urso rugiu, empinou-se. Voltou a ver Jaime e Brienne e voltou a arrastar-se na direcção deles. Mais bestas dispararam, rasgando pelagem e carne com os seus dardos. A tão curta distância, os besteiros dificilmente falhariam. Os dardos atingiam o urso com a força de maçãs, mas o animal deu outro passo. *Pobre, estúpido, corajoso bruto*. Quando a fera o tentou atingir com uma sapatada, afastou-se a dançar, gritando, fazendo voar areia. O urso virou-se para seguir o homem que o atormentava, e apanhou com mais dois dardos no dorso. Deu um último rosido trovejante, sentou-se sobre os quartos traseiros, estendeu-se na areia manchada de sangue, e morreu.

Brienne pôs-se de joelhos, agarrando-se à espada, e respirando rápida e irregularmente. Os besteiros do Pernas d'Aço estavam a esticar as cordas das suas bestas e a recarregá-las enquanto os Saltimbancos Sangrentos gritavam-lhes pragas e ameaças. Jaime viu que Rorge e o Três Dedos tinham espadas desembainhadas, e Zollo estava a desenrolar o chicote.

— Mataftef o meu urfo! — guinchou Vargo Hoat.

— E sirvo-te o mesmo prato se me causares sarilhos — atirou o Pernas d'Aço em resposta. — Vamos levar a rapariga.

— O nome dela é Brienne — disse Jaime. — Brienne, a donzela de Tarth. Ainda és donzela, espero?

A larga cara grosseira da rapariga ficou vermelha.

— Sim.

— Oh, óptimo — disse Jaime. — Só salvo donzelas. — Dirigindo-se a Hoat, disse: — Terás o teu resgate. Por nós ambos. Um Lannister paga as suas dívidas. Agora vai buscar cordas e tira-nos daqui.

— Foda-se o resgate — rosou Rorge. — Mata-os, Hoat. Senão hás-de acabar por desejar teres acabado com eles!

O qohorik hesitou. Metade dos seus homens estavam bêbados, os nortenhos sóbrios como pedras, e eram duas vezes mais. Alguns dos besteiros já tinham recarregado por aquela altura.

— Pufai-os p'ra fora — disse Hoat e depois, para Jaime: — Defidi fer misericordiofo. Difei ao fenhor voffo pai.

— Direi, senhor. — *Não que isso te sirva para alguma coisa*.

Foi só depois de estarem a meia légua de Harrenhal e fora do alcance dos arqueiros nas muralhas que Walton Pernas d'Aço mostrou a sua ira.

— Estais *louco*, Regicida? Tencionáveis morrer? Nenhum homem pode lutar com um urso de mãos vazias!

— Uma mão vazia e um coto vazio — corrigiu Jaime. — Mas eu tinha esperança que matasses o animal antes que o animal me matasse a mim. De outra forma, o Lorde Bolton descascar-te-ia como a uma laranja, não é verdade?

O Pernas d'Aço amaldiçoou-o e chamou-lhe idiota de Lannister, esporeou o cavalo, e galopou ao longo da coluna.

— Sor Jaime? — Mesmo com cetim cor-de-rosa e sujo e renda rasgada, Brienne parecia-se mais com um homem de vestido do que com uma mulher. — Sinto-me grata, mas... vós estáveis bem longe. Porque voltastes?

Veio-lhe à mente uma dúzia de ditos de espírito, cada um mais cruel do que o anterior, mas Jaime limitou-se a encolher os ombros.

— Sonhei contigo — disse.